



Universidade Católica Portuguesa

Centro Regional de Braga

APRENDER A “VER” COM E PELO DESENHO

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de Mestre em Ensino de
Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico
e no Ensino Secundário.

Silvéria Cristina Ferreira de Sá Ramada



FACULDADE DE FILOSOFIA
MARÇO 2013



Universidade Católica Portuguesa

Centro Regional de Braga

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Estágio realizado na Escola Artística e Profissional Árvore

Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Silvéria Cristina Ferreira de Sá Ramada

Sob a Orientação do Prof. Doutor Carlos Morais



FACULDADE DE FILOSOFIA
MARÇO 2013

Agradecimentos

À Escola Artística e Profissional Árvore, onde foi realizado o estágio, pela forma tão atenciosa como me recebeu, consentindo uma proximidade tão enriquecedora e tão útil com toda a comunidade escolar;

Aos formandos e alunos com quem tenho trabalhado nestes últimos três anos, que me ensinaram a ensinar, que me despertaram para novos conhecimentos e novas aprendizagens;

Aos meus colegas de estágio, pelos momentos de reflexão, em especial à Andreia pela sua amizade verdadeira;

À minha Orientadora Professora Sofia Barreira, pela disponibilidade, pelas suas palavras sinceras e diretas, pela sua frontalidade e clareza, pela compreensão e pela sua orientação;

À Sandra, pela amizade de longa data, pelo carinho e por acreditar em mim;

A todos os meus amigos e colegas, pela amizade e pertinência das suas palavras;

Aos meus avós, pelo carinho, amor e coragem para continuar;

Aos meus pais, pelo amor, disponibilidade, carinho, incentivo e por acreditarem em mim, apoiando-me incondicionalmente;

À minha madrinha que sempre confiou em mim, que me apoiou e acreditou nas minhas capacidades e que me deu força para lutar;

À minha prima Cristininha, por ser quem é para mim;

Ao meu Orientador Carlos Morais, que me ajudou na concretização deste

objetivo, pela sua colaboração a todos os níveis;

A todos os que me apoiaram e estiverem sempre presentes, mesmo que por vezes ausentes.

Resumo

Este Relatório surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais e visa apresentar a experiência pedagógica implementada durante o estágio realizado na Escola Artística e Profissional Árvore, a partir de um problema de cariz científico-pedagógico detetado na turma na qual desenvolvemos as atividades de docência.

Com efeito, no início do nosso estágio foi possível perceber a dificuldade que os alunos da disciplina de Desenho e Comunicação Visual sentiam face ao desenho de representação, e em geral a desmotivação e pouco interesse para com as matérias do desenho.

Para responder a essa dificuldade foram desenvolvidas atividades teórico-práticas, tendo como finalidade aprender a “ver” com e pelo desenho e assim melhorar as aprendizagens.

Tendo presente o contexto deste trabalho, pretende-se assim valorizar a importância e pertinência da disciplina de desenho, abordando essencialmente o seu ensino, bem como a cultura e a educação estética, o fazer artístico e a pedagogia que lhes estão associadas.

O desenho é uma disciplina vasta e que obriga à reflexão de um amplo conjunto de inquietações e preocupações sobre o seu ensino, tais como: O que é o desenho? Qual o lugar da disciplina de desenho lecionada nas escolas? Para desenhar é necessário aprender a ver, a observar e a perceber o que nos rodeia? Estas são questões que nos inquietam e que pretendemos aprofundar, dado estarem relacionadas com o problema já referido.

Articulando esta investigação com o conjunto das experiências realizadas e observadas na sala de aula, a abordagem exposta neste Relatório defende o ensino/aprendizagem do desenho apoiado na observação e representação do real, propondo um modo de olhar mais sólido e profundo, apresentando medidas de resposta à dificuldade identificada durante o Estágio.

Palavras-chave: Desenho, Espaço tridimensional, Visão, Representação.

Abstract

This report appears in the Master of Education and Visual Arts aims to present the educational experience implemented during the training held at School Artistic and Professional Tree, from an issue of a scientific-pedagogical detected in the class in which we develop the teaching activities.

Indeed, at the beginning of our internship was possible to realize the difficulty that students of Design and Visual Communication felt over the design representation, and general demotivation and with little concern for the materials of drawing.

To answer this difficulty were developed theoretical and practical activities, with the purpose to learn to "see" and with the design and so improve learning.

Bearing in mind the context of this work, we intend to so appreciate the importance and relevance of the discipline of design, addressing mainly his teaching as well as culture and aesthetic education, the artistic and pedagogy associated with them.

The design is a discipline that requires extensive and the reflection of a broad set of worries and concerns about their education, such as: What is design? What is the place of design discipline taught in schools? To draw you must learn to see, to observe and perceive around us? These are questions that perplex us and we intend to deepen, since they are related to the problem mentioned above.

Articulating this investigation with all the experiments and observed in the classroom, the approach outlined in this report defends the teaching / learning supported drawing on observation and representation of reality, proposing a way of looking more solid and deep, with response measures the difficulty identified during Stage.

Keywords: drawing, three-dimensional space, Vision, Representation.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

AV – Artes Visuais;

ÁRVORE – Escola Artística e Profissional Árvore;

MEAV – Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário;

DCV – Desenho e Comunicação Visual.

INDÍCE:

INTRODUÇÃO	10
I. IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA E O SEU CONTEXTO LETIVO	
1. O Problema de fundo.....	12
2. A Instituição de Ensino onde se realizou o estágio.....	13
3. População-alvo: a turma do estágio.....	14
II. APROFUNDAMENTO TEÓRICO DO PROBLEMA	
1. Educação Artística e Educação estética.....	16
1.1. O sentido do educar.....	16
1.2. O sentido artístico.....	18
1.3. Educação estética e educação artística.....	19
2. Desenho.....	20
2.1. O desenho e o(s) seu(s) conceito(s).....	20
2.2. O desenho à vista e a sua importância pedagógica.....	21
2.3. O desenho e o desenvolvimento do pensamento visual e arquitectónico.....	22
2.4. O desenho: implicações no currículo escolar.....	23
2.5. O desenho e o desenvolvimento da mente.....	24
3. A visão e a percepção visual.....	25
4. O desenho e a perspectiva.....	27
III. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICO-DIDÁTICA	
1. Atividades.....	31
1.1. Aula aberta com o artista plástico e ilustrador Hugo Teixeira.....	31
1.2. Aula aberta com a artista plástica e professora Sandra Palhares.....	32
1.3. Visita de estudo.....	32
1.4. Criação de uma prancha de banda desenhada.....	32
1.5. Organização documental dos trabalhos realizados.....	33
2. Avaliação.....	33
3. Resultados Obtidos.....	34
CONCLUSÃO	36
BIBLIOGRAFIA	40

ANEXOS

Anexo 1: Inquérito para levantamento das dificuldades sentidas pelos alunos.....	43
Anexo 2: Caraterização da turma.....	44
Anexo 3: Proposta metodológica da aula aberta com o artista plástico e ilustrador Hugo Teixeira.....	54
Anexo 4: Proposta metodológica da aula aberta com a artista plástica Sandra Palhares.....	55
Anexo 5: Visita de estudo.....	56
Anexo 6: Proposta metodológica da criação de uma prancha de banda desenhada.....	58

INTRODUÇÃO

Para ensinar a ver é necessário ensinar a pensar. Este processo implica uma mudança de pressupostos na concepção da prática educativa. Esta nova atitude, baseada em princípios construtivistas, encara o aluno como um sujeito ativo, que na interação com o meio, não só adquire a informação que recebe, como também a relaciona, integra e lhe confere sentido, recriando-a. Segundo Bruner “O professor, facilitador de aprendizagens, tem de promover um ambiente que favoreça uma postura mental ativa dos alunos permitindo-lhes construir significados acerca dos conteúdos culturais” (1966: 240).

Ser professor, nesta perspectiva, implica uma constante aprendizagem, compreendida atualmente como essência de qualquer projeto de formação total da pessoa humana, feita de problematização e tentativa de compreensão e explicação de um presente que vivemos e de um passado que o justifica. Este processo constitui um incessante desafio que nos enriquece continuamente na procura de um “fazer” cada vez mais e melhor: educar, instruir e orientar para a vida, de uma forma crítica e participativa, numa sociedade em permanentes e profundas mudanças.

Uma das finalidades deste Relatório consiste precisamente em aprofundarmos as exigências desta atitude na nossa intervenção pedagógica, e assim contribuirmos para que o aluno desenvolva competências para realizar aprendizagens significativas.

Mais concretamente foi no âmbito da lecionação da disciplina de Desenho e Comunicação Visual na Escola Artística e Profissional Árvore que concretizámos aquele desiderato, nomeadamente no aprofundamento da problemática do ensino do desenho, disciplina artística que, a seu modo, é também uma forma de conhecimento. Nesta linha, desenvolvemos todo um estudo de cunho essencialmente teórico acerca da relevância, dos conceitos e da problematicidade do desenho.

No âmbito das complexas e diversificadas questões levantadas pelo desenho, e seguindo a linha de orientação já anunciada, focámos a nossa atenção especificamente na problemática que enunciamos do seguinte modo: Como aprender a “ver” com e pelo desenho? Fizemos então convergir para esta questão todo um conjunto de investigações, leituras, experiências, partilhas, convicções, mas também algumas dúvidas e incertezas.

A interação com os alunos, no contexto da prática educativa, durante o estágio realizado na Escola já referida, facultou a possibilidade de explorar estes assuntos e

revelou-se essencial para o decorrer do trabalho.

No seu conspecto geral, o presente Relatório é composto por três capítulos correspondentes às principais fases ou momentos do desenvolvimento do nosso trabalho.

No primeiro capítulo identificamos e descrevemos a problemática com que nos deparámos: a questão do aprender a ver as potencialidades do desenho, problema esse detetado no contato com os alunos do 2º ano do Curso de Design Gráfico, da Escola Artística e Profissional Árvore. Neste mesmo capítulo caracterizamos a Instituição de ensino onde decorreu o nosso Estágio, bem como a turma alvo da lecionação e das metodologias implementadas no decorrer do estágio curricular.

O segundo capítulo reflete a investigação efetuada no âmbito da educação artística, do desenho, e da visão e percepção visual, de forma a aprofundar os contornos do problema identificado e a enquadrar teoricamente as propostas metodológicas apresentadas no capítulo terceiro.

No terceiro capítulo, apresentamos as iniciativas de intervenção pedagógica e didática, realizadas durante o referido estágio, de modo a mostrarmos um itinerário possível de superação do problema enunciado. É também o momento de procedermos à avaliação dos resultados obtidos com tais intervenções.

Na conclusão procedemos a uma revisão crítica de todo o processo seguido. O trabalho finaliza com o elenco bibliográfico e com os anexos a este Relatório.

I. IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA E DO SEU CONTEXTO LETIVO

1. O problema de fundo

É frequente considerar-se o desenho como um assunto difícil de definir e de compreender para a maioria dos alunos. É também desvalorizado enquanto disciplina e metodologia. É nosso intuito contornar este preconceito e abordar o desenho enquanto ferramenta e instrumento universal.

A lecionação da disciplina de Desenho e Comunicação Visual permitiu-nos consciencializar as várias interrogações subjacentes à prática pedagógica do desenho e descobrir algumas perspetivas bem como algumas opções, adquirindo assim uma maior segurança relativamente a algumas das inquietações sentidas e às ações praticadas.

As expectativas em relação ao ensino do desenho e também ao papel que o professor desempenha no sistema educativo, originaram o encontro com este assunto. Todas estas questões foram aprofundadas durante o nosso estágio curricular e para as quais procurámos as respostas possíveis.

O estágio pedagógico, objeto deste relatório, teve como atividade inicial a observação (não participativa) dos alunos do Curso Profissional de Design Gráfico, com o intuito de escolher qual a disciplina a ministrar. Neste contexto, foi possível detetar que os alunos sentiam grandes dificuldades em captar o alcance e o significado do desenho, enquanto disciplina fundamental para a sua formação integral e profissional.

No sentido de perceber melhor estas dificuldades dos alunos decidimos, realizar um inquérito (anexo 1) através do qual questionámos os alunos sobre o desenho, a importância deste na prática do Design Gráfico, para além de questões relacionadas com as dificuldades que os objetos tridimensionais lhes traziam, no âmbito da prática do desenho. Para além da realização deste inquérito, foram estimuladas dinâmicas de observação dos trabalhos executados nas aulas, com o intuito de provocar a exteriorização das dificuldades inerentes à representação do objeto tridimensional e à valorização da prática do desenho enquanto disciplina útil

para a formação dos alunos.¹

Como resultado deste inquérito, foi possível verificar que os alunos manifestam uma dificuldade inerente à concentração e à prática, deixando-os, muitas das vezes, desmotivados face aos exercícios direcionados para o desenho de representação e/ou observação do real. Apresentaram sinais de indiferença face ao desenho e às possibilidades de o ver de outra forma. Assim, verificámos que um elevado número de alunos sentia uma grande dificuldade em identificar as formas, encontrar as linhas, perceber os volumes através das tonalidades e dos planos, ver para além daquilo que na realidade está presente.

Perante estas dificuldades, aprofundámos cientificamente as questões através da bibliografia especializada, e procuramos encontrar e implementar metodologias adequadas e recorrer a formas alternativas de ensino, para tornar a aprendizagem mais motivadora e para que os alunos encarassem o desenho como uma disciplina séria e útil, conforme o exposto no capítulo III. O objetivo é, essencialmente, colmatar este problema, sensibilizando os alunos para o desenho e para uma teoria e prática da visão que os movessem dos seus hábitos e referências adquiridas.

2. A Instituição de Ensino onde se realizou o Estágio

Este estágio pedagógico foi realizado na Escola Artística e Profissional *Árvore*, situada na zona histórica da cidade do Porto. Esta Escola dedica-se à formação dos alunos para obtenção de competências artísticas e à organização de eventos, em particular a eventos, em particular no domínio das expressões plásticas.

A Escola Artística e Profissional *Árvore* é propriedade da Escola das Virtudes-Cooperativa de Ensino Polivalente e Artístico, C.R.L., criada em 1982 no desenvolvimento do projeto alternativo de formação humanista pela via da arte - *Árvore*.

A comunidade escolar, de uma simpatia única, possui um espírito de entreajuda bastante positivo e o ambiente escolar é de fato extraordinário. Esta

¹ Para melhor clarificar o problema detectado durante esta prática, passo a citar duas frases que mostram a dificuldade sentida pelos alunos. “A minha maior dificuldade é sobretudo entender o desenho enquanto ferramenta útil para a minha formação” e ainda “Sinto imensas dificuldades em captar o espaço e de seguida transpor o que vejo para o papel”.

instituição de ensino é bastante diferente do comum, privilegiada também pela sua localização, pelas metodologias utilizadas, pela busca incessante da excelência, quer da parte dos alunos e professores. Para além disso, é um espaço onde os alunos podem desenvolver os seus conhecimentos e competências junto dos seus professores, integrando a teoria e a prática, contribuindo assim para uma análise dos seus pontos fortes e fracos e propondo melhorias. Os alunos podem vivenciar e experienciar diferentes realidades, sempre acompanhados e apoiados pela comunidade educativa.

Como autêntica escola de arte, a prática educativa desta instituição valoriza o trabalho da expressão das emoções, da sensibilidade, da atenção/concentração, da percepção, da consciência, da criatividade e do espírito, para além de partilhar conhecimentos e ensinar técnicas. Em todas as matérias os alunos desenvolvem competências inerentes a uma determinada matéria e na arte são desenvolvidas competências emocionais e cognitivas, competências articuladas à personalidade de cada um.

O ensino da arte permite desenvolver o auto conhecimento e a consciência de emoções, de sentimentos, de percepções, para além de ensinar técnicas, procedimentos e estratégias que contribuem para a formação de seres humanos capazes de promover o desenvolvimento cultural e social do meio envolvente, inspirando a ação, a criatividade e a vida consciente.

3. População-alvo: a turma de Estágio

A turma de Desenho e Comunicação Visual, do 2º Ano do Curso Profissional de Design Gráfico consiste num grupo homogêneo de alunos constituído por 10 rapazes e 11 raparigas, com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos (Anexo 2). Podemos verificar nalguns casos carências de atenção, empenho e motivação. Todavia, não se verifica discrepância ao nível de problemas na área educacional.

É importante ter em conta alguns casos de alunos que requerem cuidados específicos, pois apresentam alguns problemas de saúde, portadores de necessidades educativas especiais, o que exige um acompanhamento diário. É igualmente indispensável mencionar que nesta turma, cinco alunos repetiram uma vez o segundo ano, quatro alunos duas vezes e três alunos três vezes.

A turma apresenta facilidades na compreensão da matéria, como podemos concluir mediante a leitura dos inquéritos (ver anexo 2). No entanto, os hábitos que

têm e as atividades que ocupam no tempos livres, como ver televisão e navegar na internet não são as mais corretas, mas vão ao encontro das perspetivas que manifestam ter relativamente ao futuro (ver anexo 2 – gráfico 7). É de lamentar que aquilo que menos os cativa na escola é a convivência com os professores. Pretendemos assim, colmatar este obstáculo, incentivando os alunos a mudarem de opinião e a adquirirem uma empatia com toda a comunidade educativa.

Alguns dos objetivos e metas relevantes a referenciar podem ser consultados no anexo 2.

Como já referimos, esta turma revela pouco interesse pelos conteúdos e assuntos relacionados com a Disciplina de Desenho e Comunicação Visual. No entanto, é de salientar que existe um grupo de aproximadamente 5 ou 6 alunos que possuem boas capacidades e bons conhecimentos ao nível do desenho e revelam bastante interesse pela disciplina. No geral, é uma turma que apresenta dificuldades quer ao nível da aprendizagem, quer ao nível da concentração, são muito distraídos e muito conversadores. Mas não existem casos de conflito dentro da sala de aula e as motivações e interesses dos alunos são sobretudo na área do Design Gráfico e da Ilustração.

II. APROFUNDAMENTO TEÓRICO DO PROBLEMA

No âmbito do objeto de estudo deste Relatório e tendo em conta a temática escolhida para o mesmo – “aprender a “ver” com e pelo desenho ”, pareceu-nos pertinente estabelecer uma rede conceptual constituída pelas problemáticas fundamentais, em cujo seio se joga o sentido da ação educativa de ensino e aprendizagem do desenho de observação, que é precisamente o “miolo” teórico no qual se concentra o nosso assunto. Essas problemáticas referem-se à educação artística, ao ensino do desenho, à visão e percepção visual, e que, por isso mesmo, passamos a expor.

1. Educação artística e educação estética

Ao longo da pesquisa bibliográfica realizada sobre a educação artística foi possível perceber que inerente a este conceito, coabitam conceitos de suma importância para a definição do macro conceito. Neste sentido, começaremos por abordar a educação e posteriormente a arte. Por fim, e por considerarmos relevante, apresentaremos uma distinção entre educação artística e educação estética, por serem conceitos que confinam com o assunto do nosso relatório.

1.1. O sentido do educar

Geralmente, entende-se que a educação é a atuação para configurar o caráter da pessoa e consiste numa “ação exterior sobre o Homem em devir, é o conjunto das medidas necessárias para o guiar” (Cabanas, 2002: 43). A educação é um assunto de condução e de inter-relação pessoal, tendo a ver com as atitudes (éthos) e com os costumes (mores). “A educação tem a tarefa de formar a alma do educando, embora abstendo-se de a moldar segundo um minado modelo, pois o que importa é a autoformação do indivíduo e o autodesenvolvimento da sua vida pessoal” (Cabanas, 2002: 44).

A educação é, no fim de contas, um meio para auxiliar o crescimento do ser humano (c.f. Bruner, 1966: 17). Como se sabe, a educação não é um conceito simples de definir, dado o seu caráter polissémico. Segundo Kant, citado por Durkheim (2001: 43) “o objetivo da educação é desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que

ele é capaz”. O próprio Durkheim, define a educação como “[...] o conjunto de influências que a natureza ou outros homens podem exercer quer sobre a nossa inteligência, quer sobre a nossa vontade” (Durkheim, *idem*). Já Bradford citado por Zabalza (1987: 84) refere que “o objetivo básico da educação é a mudança e o crescimento ou maturação do indivíduo [...] uma meta mais profunda e complexa que a simples aprendizagem intelectual”. Quintana Cabanas (2002: 32) integra no conceito de educação diversas dimensões da realidade: “uma dimensão social, uma dimensão relacional, uma dimensão cultural, uma dimensão política, uma dimensão artística, uma dimensão ética [...]”. Já John Dewey (1973: 17) define o conceito de educação “como o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso das nossas experiências futuras”.

Deste conjunto de definições resulta que o sentido de educar não se restringe à transmissão do conhecimento ou do saber, mas é também o saber-fazer e o saber-ser que estão na base de toda a relação interpessoal e tem como objetivo último a formação integral do aluno. Neste sentido, podemos referir que a educação não é unilateral e como tal, parte de uma realidade que é o ser humano, projeta-se no mundo, onde se relacionam valores que originam um projeto educativo e um projeto pessoal.

Assim, consideramos que do ponto de vista pedagógico, a educação deve estimular todas as capacidades potencialmente existentes nos alunos, uma vez que deve promover o crescimento do ser humano como um todo, aproximando-se assim de um processo educativo que consiste na descoberta, transformação e promoção de competências pessoais, sociais, familiares e profissionais, visando incrementar o saber (conhecimento), o saber-fazer (habilidade) e o saber-ser (atitude).

Em síntese, educar é favorecer o desenvolvimento do aluno mediante a sua personalidade, preferências e valores pessoais. É respeitar a idiosincrasia dos alunos, provocando neles a abertura de horizontes. Educar é tão simplesmente uma forma complexa e duradoura de amar.

Este amor veicula-se, fundamentalmente, através da relação em que assenta a prática pedagógica, vulgo ensino. Não apenas como mero ato técnico, mas como expressão de valores. Se o primeiro elemento é importante, é pela relação de expressividade que o ato pedagógico se eleva ao compromisso de promoção do humano, não descurando o enriquecimento cognitivo: “O ensino é a ação e o fruto de

ensinar, ou seja, de instruir com regras ou princípios. Trata-se do sistema e do método de instruir, constituído pelo conjunto de conhecimentos, princípios e ideias que se ministram a alguém, ou seja, é difundir um conhecimento, saberes e convenções aos sujeitos que aprendem. É apoiar os alunos a confrontar-se com a informação relevante no âmbito da relação que estes estabelecem com uma dada realidade, capacitando-os para (re)construir os significados atribuídos a essa realidade e a essa relação. O conceito de ensinar, entendido como ação especializada dirigida à promoção da aprendizagem de alguma coisa por alguém é em si mesmo uma ação estratégica, já que requer que se planeie a ação adequadamente de forma a alcançar, para cada educando, a aprendizagem pretendida” (Roldão, 2009: 14).

Ensinar, no nosso entender, consiste em partilhar conhecimentos de forma eficaz. Para que isto aconteça há que definir e desenvolver metodologias que visem a aprendizagem de outrem, se bem que esta aprendizagem depende da ação dos dois intervenientes, tanto do professor como do aluno – conforme qualquer processo de comunicação, que se encontra dependente da ação do emissor e do receptor. Porém, o ensino de algo só será verdadeiramente realizado se ele for a expressão de um ato educativo no sentido já exposto.

1.2. O sentido artístico

A questão “o que é arte” pode ser colocada no terreno da filosofia estética, da história da arte ou da sociologia da cultura (c.f. Melo, 2004: 7). Esta questão tem sido importante, tanto na estética do século XX, como na prática da arte. Trata-se de um dos conceitos mais difíceis na história do pensamento humano, pois está envolvida principalmente no processo real de percepção, do pensamento e da ação corporal.

Para Clive Bell, citado por Nigel Warburton (2007: 21): “A arte é forma significativa”. Na nossa opinião, a arte é um conceito aberto cuja definição não é fácil de formular. A questão é tanto mais difícil quando se verifica que os próprios artistas, muitas vezes, rejeitam as concepções predominantes da arte, apresentando intencionalmente obras que estão para além daquilo que é tradicionalmente visto e entendido como arte.

A arte é a representação de percepções, emoções, sentimentos, convicções, ideias; enfim, de vidas. Por isso, sendo a educação uma forma complexa e duradoura de amar, unida à arte permite estimular a essência de cada aluno, guiando-os ao longo

da vida e muito para além de uma finalidade puramente externa do processo educativo ao qual foram sujeitos.

Arquimedes Santos (1989: 26), diz-nos que “mais do que qualquer outra atividade de despertar, a educação estética faz intervir a totalidade da pessoa, no que refere à inteligência, à sensibilidade, à afetividade e que são integradas no ato da criação ou no ato da contemplação, que parece ser precisamente no apuramento da sensibilidade e da afetividade que as atividades expressivas e artísticas têm a sua função primacial”.

1.3. Educação estética e educação artística

Recorrendo a Almeida, consideramos que é útil ao ensino da arte distinguir a educação estética da educação artística, até porque a primeira pode ser vista como algo intrínseco a todas as disciplinas – sendo importante a concepção da escola inspirada na primazia da pedagogia estética.

A educação estética consiste no desenvolvimento da consciência, da sensibilidade e na fruição da beleza. “É uma educação que se projeta e radica na vida espiritual do ser, é ainda uma educação que influi, como catalisador, na vida intelectual” (Almeida, 1980: 19). A educação artística refere-se mais à realização da Beleza, se bem que “através de dominar a matéria” (idem, 1980: 19). “Não estamos a distinguir entre teoria e prática, mas a focar a essência de duas atividades que, escolarmente, se devem completar e coexistir, pois ambas se refletem no mundo do espírito e da vida ativa” (idem, 1980: 20).

O objetivo da educação estética passa pela formação de juízos de valor através dos sentidos. No entender deste autor, a educação artística “tem por fim um adestramento, uma técnica de execução que não exclui, evidentemente, juízos de valor, todavia, talvez, menos gerais que os anteriores” (Almeida, 1980: 20).

O Homem reencontra a harmonia através da apreciação estética e concretiza a arte através da realização artística. “As práticas escolares de natureza estética, por meio de um ato situado no âmbito da primeira destas atividades e servindo-se da segunda, mesmo através de concretizações frustes, contribuem para uma consciencialização mais direta dos princípios estéticos elementares. Permitem, pois,

estas práticas escolares, predispor o ser para as vivências comunicadas pela arte e para as atitudes de investigador e observador” (Almeida, 1980: 20).

2. Desenho

O mundo que existe à nossa volta é de tal maneira rico e deslumbrante que desenhar a partir da realidade – fundamento último da representação do espaço tridimensional - é um processo de trabalho sem fim, com a qualidade de ser verdadeiramente estimulante para a imaginação e para a criatividade. Daí a importância de aprofundarmos o sentido do desenho, a sua importância no contexto escolar e a influência que ele tem no desenvolvimento cognitivo do ser humano, sendo esta a nossa disciplina de lecionação.

Segundo a autora Ana Leonor Rodrigues (2003: 18) “Desenhar, o ato de realizar um desenho, implica o registo direto dos movimentos da mão, o que quer dizer uma relação manifesta entre quem faz e o resultado desse fazer. Mobiliza o corpo do sujeito que desenha, numa relação particular da mão com o cérebro, e do cérebro com o olhar, imprimindo ao resultado desse agir – o desenho – um caráter próprio, diretamente relacionado com o gesto de fazer; uma harmonia resultante de um ritmo e gestualidades pessoais”.

2.1. O desenho e o(s) seu(s) conceito(s)

A definição do termo “desenho” por um lado, restringe-se à naturalidade do reconhecimento do seu caráter bidimensional e ao registo de elementos gráficos; e por outro conota de imediato a possibilidade e o delineamento de formas, desde a sua génese. Ramalho Ortigão, citado por Cidália Henriques (2001: 44-47) afirma que “O desenho é a base de todo o ensino escolar e de toda a educação do homem. A fonte de todos os conhecimentos humanos é a observação”. No entanto e apesar desta afirmação parecer simples, a realidade é que este conceito é bastante complexo. O desenho é a representação gráfica de uma ideia. Desenhar é o ato de tornar visível um pensamento, independentemente dos meios utilizados. “O desenho é provavelmente a forma de expressão que sintetiza melhor a nossa relação com o mundo. Ele permite-nos, com a elaboração mental, o desenvolvimento de ideias e a descoberta do que ainda desconhecemos de nós mesmos” (Carneiro, 2001: 8).

Desenhar é portanto, apresentar, representar, tornar presente, tornar visível aquilo de que fala a realidade. Assim, poderíamos definir desenho como sendo o ato de produzir linhas e/ou marcas numa superfície bidimensional. No entanto, atribuindo uma maior atenção à definição do conceito, constatamos que a sua grandeza nos encaminha para diversos campos de ação. Na verdade, a qualidade híbrida do desenho, os seus limites e fronteiras pouco precisos, obrigam a um melhor entendimento deste conceito, a uma definição concreta.

2.2. O desenho à vista e a sua importância pedagógica

Na linguagem comum diz-se “desenhar à vista”, porque tal indica que o assunto desenhado está perante o nosso olhar, quer se trate de um objeto, de uma pessoa ou de uma paisagem. Durante a aprendizagem é um dos processos que mais se utiliza porque permite quer a educação da percepção visual, quer a retificação constante do que se faz, uma vez que o modelo está perante nós.

O desenho “à vista” permite que a realidade domine de tal modo o processo de trabalho, que impede a tendência natural para recorrer à memória do que se observou. A mão vai desenhando as impressões mais imediatas e espontâneas, registadas através do olhar de uma maneira direta, permitindo que a diversidade inimaginável da realidade desencadeie sempre novas conclusões, mesmo que desenhemos continuamente o mesmo objeto, o resultado será sempre um desenho distinto.

De tão óbvio e direto, sobretudo nesta modalidade, o desenho raramente foi compreendido como um requisito da educação, considerado necessário como acontece com a Língua Materna, a Matemática, a História ou as Ciências Naturais. Instalou-se a ideia de que o desenho não poderá ser comparado a nenhuma das disciplinas referidas anteriormente, no entanto, deveria ser digno de ser encarado como uma disciplina séria e útil, pois contribui para um melhor desenvolvimento das capacidades mentais e sensoriais do aluno. A arte é pensada como um simples complemento do plano de estudos, como uma mera atividade para ser vista e reproduzida e não para se estudar, fazer e viver. Tal como afirma Anamelia Buoro (2002: 41) “se a arte é produção sensível, se é relação de sensibilidade com a existência e com experiências humanas capaz de gerar um conhecimento de natureza diversa daquele que a ciência propõe, é na valorização dessa sensibilidade, na tentativa de desenvolvê-la no mundo e para o mundo devolvê-la, que poderemos

contribuir de forma inegável com um projeto educacional no qual o ensino de arte desempenha um papel preponderante e não apenas participa como coadjuvante”.

O desenho deve ser entendido como um meio indispensável de comunicação e pensamento humano, ao alcance de todos os seres. A arte é fundamental, básica e enriquecedora para a prática educativa e para o cotidiano, sobretudo quando se percebe o crescimento/desenvolvimento e o amadurecimento das competências gráficas e plásticas do aluno, durante o seu percurso criador. Assim, tal como na expressão oral, também podemos recorrer ao desenho para exprimir ideias e emoções, assim como circunscrever e elaborar registos e auxiliar a memória.

2.3. O desenho e o desenvolvimento do pensamento visual e arquitectónico

É conhecida a importância do desenho não apenas para a educação artística, mas também para o ensino em geral. Vários autores investigaram a função do pensamento visual para tornar o ensino e as aprendizagens mais eficientes, sublinhando o papel didático das imagens. Para que a imagem comunique, deve mobilizar vivências, temas da atualidade, conceitos, ideias e emoções, recorrendo a estratégias visuais eficazes, apoiados em materiais, procedimentos e “objetos”, onde se incluem de forma particular os novos media.

A prática do desenho e a sua aprendizagem estão na vanguarda desta relação com o visual e com a imagem. Ela concretiza-se no contato e na análise visual das formas, das relações, das proporções e no entendimento da essência “figural”, que aliada à capacidade de interpretação dos elementos do desenho, o tornam numa prática primordial.

Como já referimos o ensino do desenho e das Artes Visuais desencadeiam benefícios indiretos no desempenho escolar dos alunos. Está bastante difundida a ideia de que os alunos que acederam a uma educação artística têm maior capacidade de visão e de previsão, são mais perseverantes, têm mais capacidades lúdicas, maior capacidade de aprender, são por norma mais críticos e mais capazes de justificar as suas opiniões. Conforme Miriam Martins et al (1998: 57), “cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o reinterpreta à sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário...”.

Pela sua natureza holística, a educação artística pode, quando direcionada para

a educação, para a cidadania e para os valores, alterar o currículo e recriar a escola através de projetos transdisciplinares, superando as barreiras entre áreas do saber e sugerindo espaços de aprendizagem únicos.

Os métodos inerentes à abordagem holística do desenho podem ser empregues às diferentes áreas do conhecimento. Ao mudar o nosso olhar sobre o mundo, descobrimos novas possibilidades que até então eram impossíveis de serem visualizadas.

A exploração do desenho, da imagem e da aprendizagem lúdica, como forma de análise, de crítica e de síntese, permite o desenvolvimento da criatividade e da experimentação no indivíduo. “O desenho tem desde cedo este carácter de tornar real aquilo que está para lá do plano, para lá do espelho, aquilo que é virtual. É sobretudo a vertente virtual e visionária do desenho que aparece fundamental como o elo de ligação e como elemento ordenador do pensamento arquitectónico” (Rodrigues, 2000: 40).

Um outro aspeto a sublinhar é a ubiquidade do desenho: o desenho está em todo o lado, todos os objetos e edifícios que nos rodeiam foram desenhados, os utensílios do dia-a-dia, a roupa, os jardins, as estradas, o urbanismo. O desenho é uma área transversal a diversas atividades artísticas e técnicas, cognitivas, simbólicas ou imaginárias. A história do desenho acompanha a história da arte, a história da arquitetura e a história do design. No entanto, o seu reconhecimento como atividade autónoma é relativamente recente.

Quem desenha aprende e reaprende a ver todos os dias. A experiência, quer ao nível pedagógico como da prática efetiva do desenho, desenvolve o ato de observação, o pensamento, a sensibilidade, a concentração, a criatividade e a capacidade de compreensão e comunicação. “O desenho educa o olhar, ordena a sensibilidade, exponencia a imaginação criadora e estabelece a possibilidade de comunicação e entendimento (...)” (Rodrigues, 2003: 50).

2.4. O desenho: implicações no currículo escolar

Os programas das disciplinas de desenho devem ser vastos, os conteúdos devem permitir a aquisição das competências básicas para um exercício efetivo do ato de desenhar, para além de deixar espaço para o desenvolvimento de uma linguagem própria, expressão e intenção. A aprendizagem do desenho é um processo evolutivo

que requer tempo, rigor e disciplina, harmonizadas com a “liberdade” e expressividade, visando o conhecimento, o desenvolvimento e a afirmação de uma competência e/ou linguagem. “O desenho é o lugar do conhecimento, da precisão, mas também da afetividade e do sentimento. Os próprios sentimentos são uma ferramenta que lhe é específica, participando da sua própria definição como disciplina artística” (Rodrigues, 2003: 85).

No âmbito do currículo do ensino artístico, o desenho possui, quanto a nós, uma função e um significado fundamental. Através dele confrontamos e desenvolvemos ideias, recusamos e aprovamos outras. A flexibilidade do desenho permite fomentar e desenvolver reflexões críticas sobre o seu próprio processo, exercita a função pedagógica essencial no desenvolvimento teórico e criativo.

Ensinar a desenhar é ensinar a procurar, a duvidar e a investigar. O desenho para além da representação, esquema e conceito do real, é acima de tudo uma imagem, imagem que é definida no contexto de uma prática irrepitível. Nem todos os desenhos têm a mesma origem, alguns surgem da necessidade de se apontarem ideias, outros têm como finalidade solucionar a execução de um objeto como uma escultura ou uma casa. Outro tipo de desenho surge como necessidade da representação do real, mas qualquer um destes desenhos são processos de conhecimento.

No que diz respeito à função, focamos o nosso estudo no desenho enquanto instrumento utilizado para a representação de imagens, quer seja a partir da observação direta do real, quer a partir do desenho entendido como de memória e/ou a partir de imagens. “Há quem julgue que as disciplinas de natureza estética são só para alguns predestinados quando, precisamente, é no âmbito destas disciplinas, por serem ajustáveis a múltiplas personalidades e as metodologias terem deixado a solução única e invariável, que hoje há lugar para o desenvolvimento educacional das funções mentais associadas à invenção e à sensibilidade estética de todos” (Almeida, 1980: 17). Dentro deste espaço de ação restringimos o desenho ao campo das artes. Assim, o desenho que interessa para este estudo, é o desenho enquanto instrumento de comunicação gráfica, instrumento que se organiza e constrói, desde a fase inicial de observação, que provoca a necessidade de o pensar, até ao momento em que se visualiza e apresenta o resultado final.

2.5. O desenho e o desenvolvimento da mente

Existirá alguém no mundo que possa dizer nunca ter feito um desenho? É improvável. Rabiscar uma folha em branco é um ato banal. O desenho nasce do rabisco. Sendo o rabisco algo natural, desenhar é também uma técnica que se aprende, o que não impede a existência de talentos espontâneos. O desenho é resultado de uma relação entre a mente e o que nos rodeia, que se desenvolve a partir do olhar. “Não se ensina a desenhar para ver; ensina-se a ver para desenhar... e os olhos veem de Belo aquilo que a lição dos artistas nos vai ensinando” (Almeida, 1980: 62).

Desenhar não implica apenas um gesto guiado pela mão. Abarca também processos mentais e capacidade de abstração, funcionando como um desafio. O desenho mobiliza a mente e ensina o cérebro a ver. Dos primeiros riscos que uma criança faz - em que a descoberta do poder de mudar as coisas é mais intenso do que qualquer outra significação - ao ato investigativo da realidade através do olhar, para culminar no que pode vir a ser uma obra artística. “É preciso afirmar claramente: hoje o professor não exige a técnica do artista; usa é o processo mental criador, próprio dos artistas, como meio pedagógico para alargar e aprofundar a capacidade de compreensão e realização do ser humano” (Almeida, 1980: 17).

3. A visão e a percepção visual

O desenho transmite-nos também aprofundar a problemática da percepção por estar intrinsecamente relacionada com a observação do espaço, das formas e os processos da representação. Mais concretamente, interessa-nos averiguar de que forma é que o modo como observamos, compreendemos e dominamos o espaço, se repercute na forma de representar e de desenhar no ambiente tridimensional. Pensamos que com esta investigação, poderemos coligir dados, conhecimentos e técnicas que nos ajudarão a compreender melhor as dificuldades sentidas pelos nossos alunos, assim como a superá-las e contribuir, modestamente, para a melhoria do sistema de ensino na área das Artes Visuais.

A percepção visual é habitualmente encarada na base dos seus aspetos físicos e psicológicos. Com efeito, quando se fala de visão, apreciando pela superfície o rosto aparente das coisas, confunde-se com ela a capacidade de olhar. Podemos frequentar dias seguidos certa rua de uma cidade, sensíveis visualmente ao seu aspeto global, sem tomar consciência de muitos dos sinais e particularidades daquele meio urbano.

De certa maneira, e com base nesse exemplo, é possível considerarmos que o nosso olhar funciona essencialmente no plano das sensações, apesar do largo espectro das percepções envolvidas, mas que não elaboramos uma consciência visual profunda do lugar. “Ora, perceber é mais do que isso, é ir ao encontro das coisas, é a coordenação consciente dos vários olhares, das diferentes sensações, das diferentes percepções, das próprias memórias que nos informam, em boa medida, os atos e as escolhas” (Sousa, R., 1995: 31-32).

Sendo esta perspectiva que nos importa operar a problemática da representação, convém analisar o primeiro suporte do conjunto de meios e de ações a que chamaremos mobilidade visual. Se ver, pressupõe um somatório de dados em torno de um certo aspeto do real, é preciso dizer desde logo, que nem todas as pessoas estão na posse dos mesmos dados nesse sentido. “Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o representa à sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário” (Martins et al., 1998: 57).

Psicologicamente reagimos de maneiras diferentes perante uma mesma aparência – não só porque diferimos de algum modo ao nível fisiológico, mas sobretudo, porque detemos, uns mais do que outros, informações diversas sobre o objeto percebido. Guardamos assim, a níveis diferentes e até discordantes, possibilidades várias de organizar as percepções, os julgamentos e as memórias. Em certos casos e em certas condições, aliás, uma mesma pessoa retira da realidade conclusões visuais diversas, ou porque se altera a sua atitude psicológica e o seu quadro cultural ou porque alteram os meios de apoio de que dispõe, incluindo o tempo decorrido entre as duas situações de análise e de resposta; “valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, falas, sons, personagens, instigar para que os aprendizes persigam ideias, respeitar o ritmo de cada um no despertar de suas imagens internas são aspetos que não podem ser esquecidos pelo ensinante de arte. Essas atitudes poderão abrir espaço para o imaginário” (Martins et al., 1998: 118).

A nossa visão exercita-se de um modo dinâmico, podendo alcançar desta forma uma nova consciência. Passamos assim para o domínio de uma visão alargada, múltipla do objeto, incluindo vários aspetos ou pormenores que o olhar comum não poderia, em certo sentido, separar do todo. O lado instrumentalizado desta análise,

prolonga e dilata a mobilidade do ver, em particular se pensarmos no observador que se aproxima de um objeto, circula em volta dele e fixa o olhar nos seus pormenores.

Para Arnheim (c.f., 1974: 100) vemos sobretudo o que sabemos das coisas. Vemos também o que imaginamos serem as coisas. Assim, e conforme a nossa predisposição técnica e intelectual, quando representamos o mundo envolvente, integramos nele aspetos que podem situar-se para além do visível. O conhecimento adquirido é portanto, decisivo no exercício da visão, do modo como a projetamos no nosso quotidiano e nos atos mais determinantes da nossa vida.

Seja como for, parece indubitável que a carga cultural do sujeito influencia decisivamente a sua visão do mundo - pela palavra ou pela imagem, pelos meios de expressão correntes ou pela complexa rede dos processos artísticos. A este respeito, Juan Gris, na sua correspondência com Picasso, exprimia uma ideia pertinente, considerando que a qualidade de um artista, se determina em grande medida pela quantidade de passado que ele transporta dentro de si (c.f. Gill, 2008: 33-36).

4. O desenho e a perspetiva

O desenho de perspetiva constitui uma representação linear, no entanto existem outros fatores que podem ser tidos em conta na observação de um objeto ou de uma vista de qualquer tipo. A sombra própria e a sombra projetada desempenham um papel importante no que se refere a fornecer uma imagem completa da vista ou do objeto. A sombra própria existe sempre que uma dada superfície é virada para o lado contrário àquele de onde vêm os raios luminosos, e a sombra projetada existe quando uma superfície está voltada para a fonte de luz, produzindo pela interrupção dos raios luminosos, uma sombra sobre outra superfície. Podemos do mesmo modo “observar um maior detalhe num objeto que se encontra a uma curta distância do que num que se encontre mais afastado” (Gill, 2008: 13).

Se bem que a convergência, o encurtamento e a diminuição sejam os fatores básicos do sentido de profundidade e do espaço num desenho de um objeto a três dimensões, as sombras próprias e projetadas, o pormenor, a tonalidade e a cor, assim como a textura e o padrão também são importantes quando se pretende construir um desenho em perspetiva.

É importante que os alunos compreendam estes sete princípios básicos da perspectiva: sombra própria, sombra projetada, tonalidade, cor, dimensão, textura e padrão. São fundamentais e necessários para representar o espaço tridimensional. Depois de se entenderem os princípios básicos, verificar-se-á que a sua aplicação aos problemas reais ajudará a produzir desenhos mais interessantes e corretos, baseados em fatos visuais. E acima de tudo, é necessário também perceber a maneira como olhamos para as coisas. É impossível olhar para um objeto sem ter a noção da existência da perspectiva, do sentido de distância e de solidez tridimensional que nos é dado a observar.

Entender e usar a perspectiva permite-nos criar a ilusão da mesma no papel ou no ecrã. Mesmo no mundo dominado pela tecnologia, compreender a forma como olhamos para aquilo que nos rodeia é a chave que levará todos os interessados neste tema, a retirar o melhor partido dos seus trabalhos. Podemos concluir que “não se ensina a desenhar para ver, ensina-se a ver para desenhar e os olhos veem do belo aquilo que a lição dos artistas nos vai ensinando” (Gill, 2008: 62).

É importante ainda que o nosso modo de observar e de olhar aquilo que nos rodeia seja um olhar atento, pois é fundamental educar o nosso olhar, de forma a alcançarmos um grau de conhecimento mais elevado e conseguirmos mais facilmente transpor aquilo que vemos para um suporte bidimensional.

O olhar, a visão e a percepção são instrumentos de descoberta e transformação da realidade. A reflexão de Ferreira Gullar (1988: 10-11) aponta-nos para o sentido da visão como uma espécie de entrada de informações e de um distribuidor das suas percepções para os outros sentidos. Logo devemos criar diversas metodologias para educar o olhar, construindo novos e críticos olhares para a arte.

Quando propomos um novo modo de olhar, devemos ter em conta que o aluno já vem com um olhar carregado de referências pessoais e culturais. No entanto, é necessário estimular o aluno também para um olhar cada vez mais curioso e mais sensível às subtilezas e aos pormenores que nos rodeiam.

Acerca do olhar, Martins, Picosque & Guerra esclarecem: (1998: 136) “nutrir esteticamente o olhar é alimentá-lo com muitas e diferentes imagens, provocando uma percepção mais ampla da linguagem visual: olhar diferentes modos de resolver as questões estéticas, entrando em contato com os conceitos e com a história da produção nessa linguagem”.

É importante refletir este assunto, para o aluno poder criar, experimentar e refletir a partir de um processo mais consciente: “Estuda a sua matéria com amor, perscruta-a até o fundo, observa o seu comportamento e as suas reações; interroga-a para poder dirigi-la, interpreta-a para a poder vencer, aprofunda-a para que ela revele possibilidades novas e inéditas; segue-a para que os seus movimentos naturais possam coincidir com as exigências da obra a realizar” (Eco, 1972: 201).

Observamos então, que o importante não é somente a técnica e a história do artista, mas sim uma consciencialização para a percepção. Para Martins, Picosque & Guerra (1998: 56) “o artista processa sensíveis percepções e as organiza, compara, seleciona, sente e se emociona, pensa sobre elas e, quando as ordena na criação artística, através de um pensamento projetante, as devolve ao mundo em forma de pintura, escultura, teatro, música (...) e as devolve com uma intenção, ainda que inconsciente”.

A educação do olhar é construída pelos conhecimentos adquiridos ao longo da vida e melhorada através da prática educativa. Ampliar consiste em observar melhor o mundo das imagens que nos rodeia e no qual estamos permanentemente inseridos, produzindo, lendo, decodificando, experimentando e criando. Perante isto, estamos diante de uma linguagem acessível a todos, independentemente do fato de as obras terem sido criadas em culturas e em épocas diferentes.

Assim, é fundamental a educação do olhar, que nada mais é do que tornar o aluno mais atento. Dessa forma o tempo e o espaço transformam-se numa ferramenta fundamental para o desenvolvimento da capacidade de concentração e observação do aluno. Ou seja, tudo o que o aluno tem à sua volta e todo o tempo que o aluno dedica a observar aquilo que o rodeia permite exercitar a sua atenção, a sua percepção e criatividade.

Citado por Read, Dawes Hicks disse: “o processo de imaginar é, na realidade, similar ao processo de perceber... residindo a principal diferença no fato de na imaginação estar envolvida uma maior proporção de fatores revividos” (Read, 2010: 55). “As imagens são ajudas visuais para o pensamento (idem, 2010: 71).

Numa sociedade eminentemente visual o homem serve-se da sua mobilidade visual e dos meios à sua disposição para transmitir sentimentos, emoções, sensações, ideias, interpretando vivamente a necessidade de comunicar. E como vimos, o processo artístico surge intimamente ligado ao processo visual, à capacidade de ver, à possibilidade de, por essa via, se formularem juízos sobre as coisas.

Cada um de nós, como já o referimos anteriormente, vê as coisas de modo particular, segundo perspectivas culturais diferentes. Essa diferença determina na prática uma variedade significativa dos modos do fazer, isto é, uma variedade nas soluções que cada um de nós encontra para transmitir aos outros a experiência do mundo que nos rodeia.

Concluimos assim que ver é compreender melhor e mais completamente a verdade; também é agir, refazer, inventar. O desenho ajuda a desmontar as aparências e a lidarmos criativamente com o conhecimento autêntico.

III. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICO-DIDÁTICA

Como procuramos demonstrar, o ensino da arte e especialmente do desenho é uma fonte de saber, de fazer e de ser. Como disciplina, o desenho deve ser assumido pelos professores, educadores e toda a comunidade educativa como uma oportunidade fundamental para uma educação mais consciente do ser humano. Logo, torna-se essencial apostar em processos educativos, formativos e de sensibilização, que contribuam para o desenvolvimento de seres humanos mais equilibrados e conscientes das suas capacidades, da sua identidade e conseqüentemente da sua missão no mundo.

Na verdade, a natureza híbrida do desenho, os seus limites e fronteiras pouco definidos obrigam à adopção de estratégias e metodologias que permitam ajudar os alunos a ver e a direccionar melhor o olhar – necessidade esta que, tal como já sublinhamos, foi por nós identificada como razão de ser deste trabalho, tanto a nível teórico como a nível prático, já que constituía uma carência detetada nos alunos que constituíam a nossa turma de referência.

Nesse sentido, e de acordo com a investigação realizada, definimos e implementamos no âmbito deste estágio curricular várias iniciativas pedagógicas que ajudassem à superação daquela dificuldade, tais como: uma aula aberta com artistas convidados, uma visita de estudo, a criação de uma prancha de Banda Desenhada, a elaboração de um dossier final com todos os trabalhos executados e relatórios escritos por aula, a concepção de um diário gráfico e de uma memória descritiva. São estas iniciativas que agora passaremos a descrever, ainda que de um modo sintético. De seguida procedemos à sua avaliação e comentário dos resultados obtidos em relação ao problema fundo identificado neste trabalho.

1. Atividades

1.1. Aula aberta com o artista plástico e ilustrador Hugo Teixeira

A nosso convite, o artista plástico e ilustrador Hugo Teixeira deslocou-se à Escola Artística e Profissional *Árvore*, no dia 15 de Maio de 2012, para realizar uma sessão de esclarecimento junto dos alunos do 2º ano do Curso Profissional de Design Gráfico. O principal objetivo desta sessão consistiu em explicar o processo de trabalho utilizado pelo artista como ilustrador de Banda Desenhada, mediante

proposta pedagógica disponível para consulta no anexo 3.

1.2. Aula aberta com a artista plástica e professora Sandra Palhares

Esta atividade realizou-se no dia 11 de janeiro de 2012, na biblioteca da Escola Artística e Profissional Árvore. Nesta estiveram presentes os alunos do 1º, 2º e 3º anos, do Curso Profissional de Design Gráfico, com o intuito de ouvir a professora e artista plástica Sandra Palhares a expor a sua experiência e o seu percurso nas artes plásticas. O anexo 4 contém a proposta pedagógica correspondente a esta iniciativa.

1.3. Visita de estudo

A visita de estudo à exposição “5 séculos de Desenho na Coleção das Belas Artes”, realizou-se no dia 18 de abril de 2012, no Museu Nacional Soares dos Reis, onde estiverem presentes alguns professores e os alunos do 2º ano do Curso Profissional de Design Gráfico. Esta atividade teve como finalidade dar a conhecer aos alunos os diversos meios de expressão do desenho, as diversas técnicas e materiais. No anexo 5 encontra-se a proposta pedagógica apresentada.

1.4. Criação de uma prancha de banda desenhada

Entre o dia 10 de abril e o dia 5 de junho de 2012, as aulas da disciplina de Desenho e Comunicação Visual consistiram na criação e concepção de uma prancha de banda desenhada, inspirada no percurso escolar dos alunos do 2º ano do Curso de Design Gráfico, na Escola Artística e Profissional Árvore.

Uma das metodologias utilizadas nesta atividade foi a observação e descrição de algumas obras de banda desenhada de vários autores, tais como: Jack Kirby, Marco Mendes, Hugo Teixeira, entre outros.

Esta atividade consistiu na interpretação das obras dos artistas apresentados, procurando identificar aspetos relevantes do seu trabalho e que pudessem ser importantes para a criação e concepção da prancha de banda desenhada.

Posteriormente deu-se início à criação da Banda Desenhada. Este processo foi dividido em três fases:

Fase 1 – estruturação do trabalho que consistiu na pesquisa de autores de

banda desenhada que se relacionassem com a temática e a técnica a desenvolver, para além da definição da estrutura da Banda Desenhada;

Fase 2 – formalização e experimentação de diferentes técnicas e materiais, através da reflexão sobre o trabalho elaborado na primeira fase, da realização de esboços a partir de colagens de jornais e revistas no caderno gráfico, finalizando com a elaboração de trabalhos mediante propostas específicas, como por exemplo: luz e sombra, noções de claro-escuro, técnicas de sombra e de modelação, princípios de cor e tom na Banda Desenhada, tipos de suportes e papéis e movimento na banda desenhada;

Fase 3 – execução da prancha de Banda Desenhada mediante a estruturação do trabalho, materiais e técnicas definidas na fase 2.

Esta atividade teve como principal objetivo envolver os alunos com a prática do desenho de representação, tendo em conta e como base principal a realidade do dia a dia de cada um deles, de forma a tentar colmatar a dificuldade sentida pelos mesmos (problemática subjacente a este relatório) e ainda conciliar e conjugar os seus gostos pessoais com a utilização de diferentes suportes e papéis. Foi uma estratégia que usámos de forma a contribuir para que estes abordem o desenho e o pratiquem com entusiasmo e pratiquem mais frequentemente.

As várias propostas associadas a esta atividade estão para consulta no anexo 3.

1.5. Organização documental dos trabalhos realizados

Esta atividade teve como objetivo primordial estimular os alunos a compreender cada etapa de um determinado trabalho gráfico. Nesse sentido, foram desenvolvidas as seguintes tarefas:

Diário gráfico – caderno A5 para registo de elementos que pudessem ser úteis à elaboração da banda desenhada;

Relatório escrito por aula – registo dos conteúdos abordados durante as aulas, o trabalho realizado e uma breve reflexão sobre os resultados obtidos;

Dossier final – portefólio com os trabalhos realizados durante as aulas e em anexo a memória descritiva.

2. Avaliação

Estas atividades, realizadas no âmbito desta prática pedagógica, foram avaliadas não só para testar o grau de aquisição de competências para as funções de técnico de design gráfico, razão de ser principal da formação recebida, mas também para verificar se as iniciativas pedagógicas implementadas obtiveram os resultados esperados, no que refere a uma maior adesão dos alunos ao desenho e às suas possibilidades de ver de outro modo a realidade que o mesmo proporciona.

As grelhas de avaliação utilizadas serviram para se fazer o registo da prestação e do empenho de forma qualitativa e quantitativa dos alunos. Os resultados obtidos mediante a aplicação e preenchimento das grelhas não são aqui trabalhados a nível estatístico, dado que o presente trabalho se orienta para uma avaliação qualitativa, confirmada pelos testemunhos dos alunos.

3. Resultados obtidos

Os resultados obtidos com a avaliação realizada durante o Estágio podem ser entendidos mediante três perspetivas: a perspetiva do aluno, da professora estagiária e da orientadora cooperante.

De todas as sessões e grelhas de avaliação devidamente preenchidas pelos alunos concluímos que estes se dedicaram às atividades realizadas de forma positiva e interessada, porque entenderam que estas seriam úteis ao seu desenvolvimento como profissionais técnicos de Design Gráfico, algo que até então não tinha acontecido, visto que demonstravam total desinteresse pela disciplina.²

Era habitual ouvir nas sessões de avaliação que até ao início do nosso estágio curricular, os alunos não percebiam a importância daquela disciplina na área para a qual se estavam a especializar, para além de sentirem não haver especial interesse nas suas motivações pessoais.

No decorrer do estágio, os alunos perceberam que a Professora Estagiária procurava entender quais as suas motivações e interesse, adequando as atividades e exercícios às mesmas, mostrando finalmente que as atividades propostas eram necessárias à aprendizagem do Desenho.

² “Aprendemos novos instrumentos, técnicas e métodos de trabalho, o que foi muito útil para futuros trabalhos que tenhamos que desenvolver”. “Achei a professora bastante atenta às dificuldades da turma. Tentou adequar o seu método e motivou-nos com as diferentes estratégias que utilizou para nos motivar para a prática do desenho”.

Neste sentido, consideramos totalmente justificável a criação de uma prancha de banda desenhada, que envolvia alguns dos conteúdos ativos subjacentes ao programa de estudo e ainda englobava o desenho de representação e a criatividade do aluno.

Assim, em vez de entendermos o desenho como mero “desenho”, procurámos ensinar o desenho de representação, tendo em conta a aplicação deste na função de Técnico de Design Gráfico, dado que seria uma mais valia para um futuro envolvimento no mercado de trabalho.

No decorrer desta prática pedagógica de estágio concluímos, que se verificou nos alunos da turma uma evolução positiva no que refere ao aproveitamento, empenho e prazer para com a disciplina e conteúdos abordados na mesma.

Apesar dos resultados obtidos serem positivos, temos bem a consciência da necessidade de um aperfeiçoamento contínuo e de evolução na exigência do aprofundamento científico, pedagógico e artístico, especialmente no que refere à técnica do desenho e na problemática das Ciências da Educação.

CONCLUSÃO

O Estágio realizado na Escola Artística e Profissional Árvore para aquisição da habilitação para o exercício da docência de Artes Visuais, foi uma experiência da qual resultaram inúmeras aprendizagens que no futuro, serão muito úteis para o desempenho da função de docente.

Por motivos científicos e pedagógicos procurámos, durante este estágio, compreender o tipo de relação que os alunos estabeleciam com a matéria do desenho, especialmente as suas dificuldades inerentes ao seu estudo e à sua prática. Foi este assunto que nos levou a escolher o tema do presente trabalho e a aprofundar os recursos e as estratégias específicas com as quais pretendemos melhorar o mais possível o nosso desempenho na lecionação e garantir os melhores resultados nas aprendizagens dos alunos.

Consideramos que o investimento que realizámos na investigação, no estudo das metodologias e na relação pedagógica com os alunos contribuiu para provocar neles uma alteração importante na forma de encarar aspetos teóricos desta disciplina, bem como a prática do desenho: de algo fastidioso e sem interesse, passou a ser visto como algo vantajoso e indispensável para as suas formações. Construindo uma análise de percurso desde o início até ao fim do ano letivo, concluímos que, de facto, houve uma evolução por parte destes na compreensão e aceitação do desenho enquanto disciplina e portanto a intervenção pedagógica e didática obteve os resultados desejados. As nossas opções didáticas foram as corretas e atingimos os objetivos no que diz respeito ao prazer que os alunos demonstraram ao elaborar o projeto final, onde foram produzidos trabalhos bastante criativos.³

Há todo um trabalho que é necessário continuar a fazer: sensibilizar os alunos para a correta análise, interpretação e reflexão da arte, especificamente do desenho. Consideramos que através do ensino/aprendizagem das artes visuais é possível melhorar a escola, os alunos e a comunidade escolar, e ultimamente, a sociedade. Foi isso que tentámos implementar neste estágio e é também isso que nos motiva a

³ Palavras proferidas por uma aula, que testemunham a valorização que até então não existia do desenho enquanto disciplina e que passou a existir no final do ano letivo: “O desenho é para mim, uma forma de expressarmos o que vemos, queremos e sentimos. Através do desenho representamos e construímos o Mundo”.

encarar o futuro como docente destas matérias.

Creemos que é a partir do espaço educacional que se consegue realmente fornecer um contributo, no sentido de possibilitar a aproximação à arte a um elevado número de alunos. Sendo a Escola o primeiro espaço rigoroso onde o cidadão cresce, consideramos importante que seja nesse espaço que haja também o contato organizado e direto com o meio artístico e com as suas linguagens, especialmente com as Artes Visuais.

O ensino das artes exige aos professores uma atenção especial de modo a reconhecerem as aptidões e motivações dos alunos e dessa forma promovam métodos de ensino que incentivem os alunos a desenvolver a sua capacidade cognitiva, o seu potencial artístico e a sua totalidade como ser humano. “Só assim será possível consagrar a escola como lugar do pensamento contemporâneo, onde os alunos e professores são os atores efetivos de uma mesma convicção. O mesmo será dizer, a escola assumir-se-á como lugar da ação do seu tempo” (Ferreira & Santos, 2007: 39).

Defendemos que a formação com e pela arte é um direito de todo o aluno, de todo o jovem e adulto, de toda a criança, pois o homem, como ser pensante e sensível que é, carece de produzir outras realidades, reais e imaginárias, que somente a arte na sua essência pode proporcionar. Na escola, quando surgem alunos que afirmam que não sabem fazer arte, estão a referir-se ao fazer estereotipado e não ao fazer que circunda o sentir e o perceber o mundo e todos os elementos que o compõem. Prova disso é a turma que trabalhámos nesta prática pedagógica.

Nesse sentido, somos nós, professores, que devemos formar os mesmos para que experienciem a leitura, a poética e a fruição. Entendemos o professor como aquele que proporciona oportunidades de conhecimento. Assim, seria interessante que fosse a escola o espaço ideal para que a maioria dos alunos pudesse fazer, pensar e fruir arte. Perante este fato, a escola e a sociedade que a edifica, em cada circunstância real, entende que a arte é cada vez mais uma componente curricular, com conteúdos, metodologias e filosofia própria.

Ao terminar este Relatório queremos ressaltar o potencial que envolve o ensino da arte no contexto da escola, para que os alunos e todo o ser humano aperfeiçoe as suas capacidades quer a nível emocional, sensível, perceptivo e cognitivo. No nosso entender, o ensino da arte deve assim estar em consonância com a contemporaneidade, em que a sala de aula deveria ser um espelho do atelier do artista, onde são fortalecidas pesquisas, as técnicas são criadas e recriadas e o

processo criador torna-se mais dinâmico e mais rico.

É verdade que o ensino da arte está sobretudo profundamente dimensionado ao interesse de quem aprende. Mas consideramos que o professor deve estimular os seus alunos a arriscarem a desenhar, a representar, pois no fundo, trata-se de uma vivência e como tal de horizonte aberto: “verifico que se pode aprender a desenhar ouvindo, participando em lições de sintaxe e filosofia, de linguística e psicologia, ou seja, lições que nos ensinam a ver antes de fazer” (Lopes, 2010: 41).

Afinal, a arte, como experiência de criação cognitiva e afetiva, contém em si um universo de elementos potencialmente pedagógicos, em que os professores e educadores poderão abrir espaços para revelações que facilitam o labor com a diferença, o exercício da imaginação, a autoexpressão, a descoberta e a invenção, novas experiências perceptivas da multiplicidade e da diversidade de valores. A arte valoriza a organização do mundo da criança e do jovem, a sua auto-compreensão, assim como o relacionamento com o outro e com o seu meio.

A arte tem o poder de concretizar o mais sublime desígnio de todo e qualquer processo educativo, expresso neste pensamento: "A educação é, por certo, uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Tem o sentido do jogo, do brinquedo, em que nos envolvemos com prazer na procura de uma harmonia. Na educação joga-se com a construção do sentido, do sentido que deve fundamentar a nossa compreensão do mundo e da vida que nela vivemos. O espaço educacional compromete-nos com a nossa "*visão do mundo*", com a nossa palavra. Estamos ali em pessoa, que tem os seus pontos de vista, as suas opiniões, os desejos e paixões. Não somos apenas veículos para a transmissão de ideias de terceiros: repetidores de opiniões alheias, neutros e objetivos. A relação educacional é sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente" (Duarte, 2001: 74).

No que se refere aos resultados obtidos pelos alunos, evidenciamos a originalidade e empenho manifestados nos trabalhos finais, realizados no âmbito da proposta do projeto que lhes propusemos elaborar: a criação de uma prancha de banda desenhada. Eles demonstraram que conseguiram superar o enorme desinteresse pelo desenho, que ficou bem patente no início deste processo.

Finalizamos com a expressão de uma convicção muito pessoal: este trabalho muito contribui para a nossa consciencialização da possibilidade de uma mudança no ensino da arte nas escolas, promovendo no processo de ensino-aprendizagem a aliança da dimensão cognitiva com a dimensão afetiva, a parte científica com a parte

poética, o conhecimento com a estética. É por aí que deve passar o ensino do desenho enquanto descoberta permanente de uma nova forma de ver as formas, o espaço, os objetos, as cores, os volumes, enfim a realidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, A. Betâmio. (1980). *A Educação Estético-Visual no Ensino Escolar*. Lisboa. Livros Horizonte.

ARNHEIM, Rudolf. (1974). *Arte e Percepção Visual – Uma Psicologia da Visão criadora. Nova Versão*. São Paulo. Pioneira Thomson Learning.

BOSI, Ecléa. (2003). *O tempo vivo da memória – ensaios da psicologia social*. São Paulo. Ateliê Editorial.

BUORO. Anamélia Bueno. (2002). *Olhos que pintam: A leitura da Imagem e o Ensino da Arte*. São Paulo. Cortez Editora.

BRUNER, S., Jerome. (1966). *Para uma Teoria da Educação*. Lisboa. Relógio D'Água Editores

CABANAS, José Maria Quintana. (2002). *Teoria da Educação. Concepção antinômica da educação*. Porto. Edições Asa.

CARNEIRO, António. (2001). “O Desenho, projeto da pessoa”, in *Os Desenhos do Desenho: Novas Perspectivas sobre Ensino Artístico*. Porto. Edição da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade do Porto, pp. 20-40.

DEWEY, John. (1973). *Vida e educação*. São Paulo. Edições Melhoramento.

DUARTE, Francisco João. (2001). *Por que Arte Educação?*. Coleção Ágere. Rio de Janeiro. Papyrus Editora.

DURKHEIM, Émilie. (2001). *Educação e Sociologia*. Lisboa. Edições 70

ECO, Umberto. (1972). *A Definição da Arte*. Lisboa. Martins Fontes.

FERREIRA, Manuela; SANTOS, Milice Ribeiro Dos (2007). *Aprender a Ensinar, Ensinar a Aprender*. Coleção Polígono. Porto. Edições Afrontamento.

GILL, W. Robert. (2008). *Desenho de perspectiva*. Coleção Dimensões. Lisboa. Editorial Presença.

GODFREY, Tony. (2008). *Conceptual Art*. Londres. Phaidon Press.

GULLAR, Ferreira. (1988). “*Sombra no Barroco*”. In: *NOVAES, Aduato (org.). O Olhar*. São Paulo. Companhia das Letras.

HENRIQUES, Cidália. (2001). “Contributos para a história do ensino do desenho em Portugal no Séc. XIX e princípios do Séc. XX”, in *Os Desenhos do Desenho: in Novas Perspectivas sobre Ensino Artístico*, Porto. Edição da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação-Universidade do Porto, pp. 10-50.

LOPES, Carlos Nuno Lacerda (2010). *Rumo à profissão*. Porto. Lello Editores Lda.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. (1998). *Didática do Ensino de Arte – A Língua do Mundo*. São Paulo. FTD.

MELO, Alexandre. (2004). *O que é Arte?*. Lisboa. Edições Quimera.

READ, Herbert. (2010). *Educação pela Arte*. Lisboa. Edições 70.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira. (2000). *O Desenho, Ordem Pensamento Arquitectónico*. Lisboa. Editorial Estampa.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira. (2003). *O que é o Desenho*. Lisboa. Edições Quimera.

ROLDÃO, Maria do Céu. (2009). *Estratégias de Ensino: o saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia. Fundação Manuel Leão.

SALAZAR, Abel. (2003). *Que é Arte*. Porto. Campo das Letras.

SANTOS, Arquimedes. (1989). *Mediações Artístico-Pedagógicas*. Lisboa. Livros Horizonte.

SILVA, Inês. (2010). *O contributo da arte contemporânea no Ensino do Desenho artístico, através de métodos experimentais*; in http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2573/2/ULFBA_TES375.pdf (Consultado em 27 de Julho de 2012).

SOUSA, De Rocha. (1995). *Didática da Educação Visual*. Lisboa. Universidade Aberta.

ZABALZA, Miguel A. (1987). *Didática da Educação Infantil*. Porto. Edições Asa.

WARBURTON, Nigel. (2007). *O que é a Arte?*. Lisboa. Editorial Bizâncio.

ANEXO 1

Inquérito para o levantamento de dificuldades sentidas pelos alunos.

Este anexo teve como objetivo e finalidade, detetar as dificuldades mais inerentes ao desenho. Detetada esta dificuldade, foi nosso propósito criar um conjunto de estratégias de modo a encontrar os melhores meios para colmatar este problema.

“Para desenhar, debes fechar os olhos e cantar ” – Pablo Ruiz de Picasso

Este questionário é dirigido ao meu Relatório de Estágio, no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais, destinado aos alunos do 2º Ano do Curso de Design Gráfico, da Escola Artística e Profissional Árvore.

O questionário é anónimo, pelo que não é necessário identificação.

1. O que é para ti o Desenho?

2. Qual o contributo do desenho para o curso de Design Gráfico?

3. Qual a tua maior dificuldade quando desenhavas um objeto tridimensional?

4. Consideras importante a disciplina de desenho lecionada nas escolas?

5. Comenta a frase.

“Para desenhar é necessário aprender a ver, a observar e a perceber o que nos rodeia ”. – Curso Completo de Desenho e Pintura. As bases do Desenho Artístico. Temas e Debates (1995).

ANEXO 2

Projeto Curricular da Turma

CARATERIZAÇÃO DA TURMA

Perfil dos alunos:

1) Sexo:

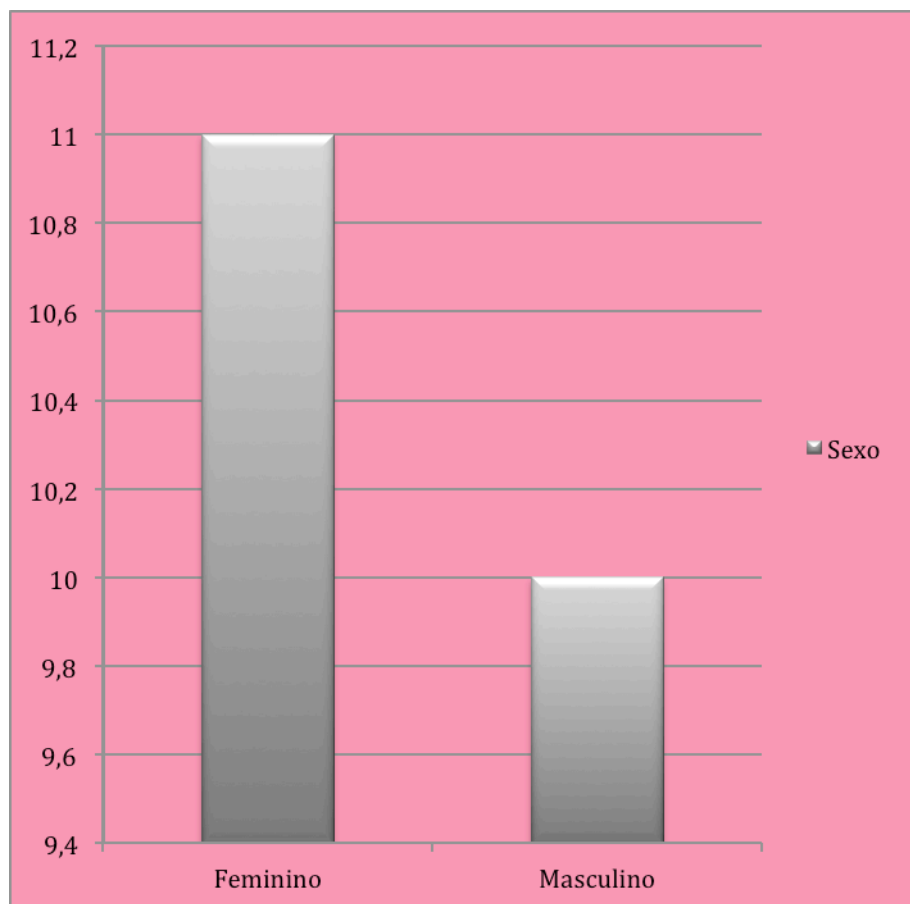


Gráfico 1. Distribuição de alunos por sexo.

Em termos de género, é uma turma equilibrada – 11 raparigas e 10 rapazes.

2) Repetências:

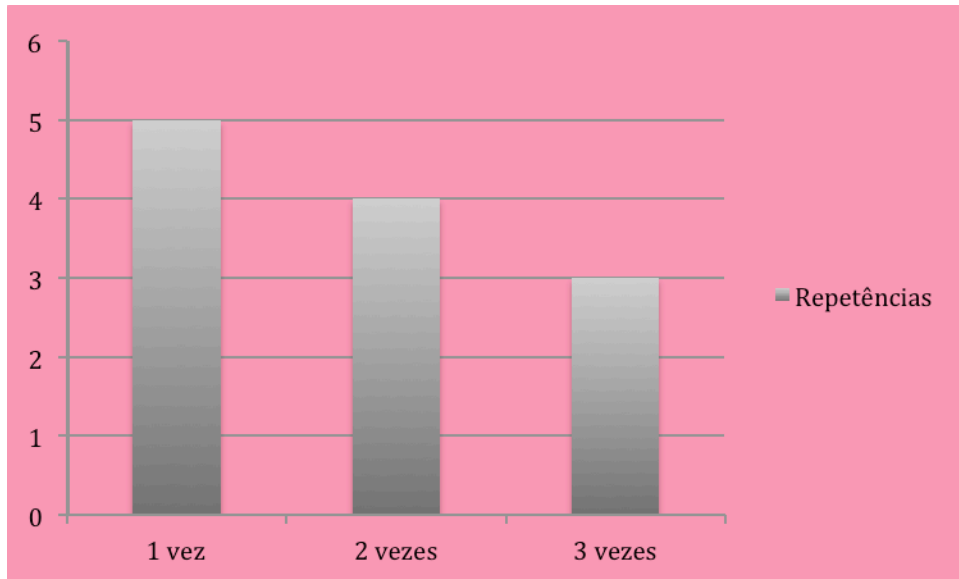


Gráfico 2 – Repetências

Na turma, 5 alunos repetiram uma vez, 4 alunos duas vezes e 3 alunos três vezes.

3) Preferências e dificuldades

Disciplinas Preferidas:	Design Gráfico e Oficina Gráfica
Disciplinas em que sentem mais dificuldades:	Desenho e Comunicação Visual e Geometria Descritiva

4) Freguesias de Residência:

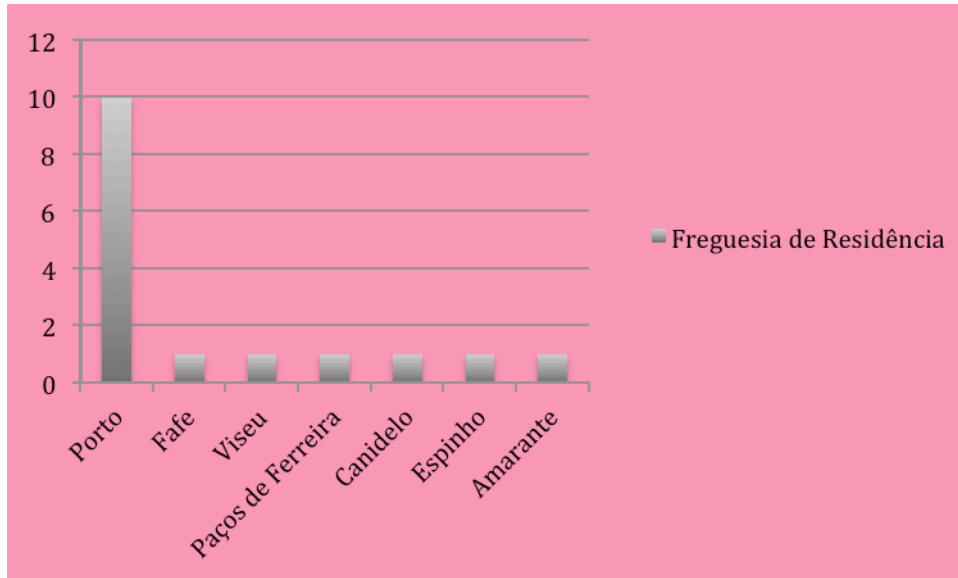


Gráfico 3 – Freguesias de Residência

Na turma, 10 alunos vivem no Porto e os restantes vivem em diferentes zonas do país.

5) Deslocação Casa/Escola:

Meio de transporte (nº de alunos)				Tempo gasto (nº de alunos)		
A pé	Autocarro	Automóvel	Outros	5 a 15 min.	15 a 30 min.	+ de 30 min.
2	19	0	0	3	3	15

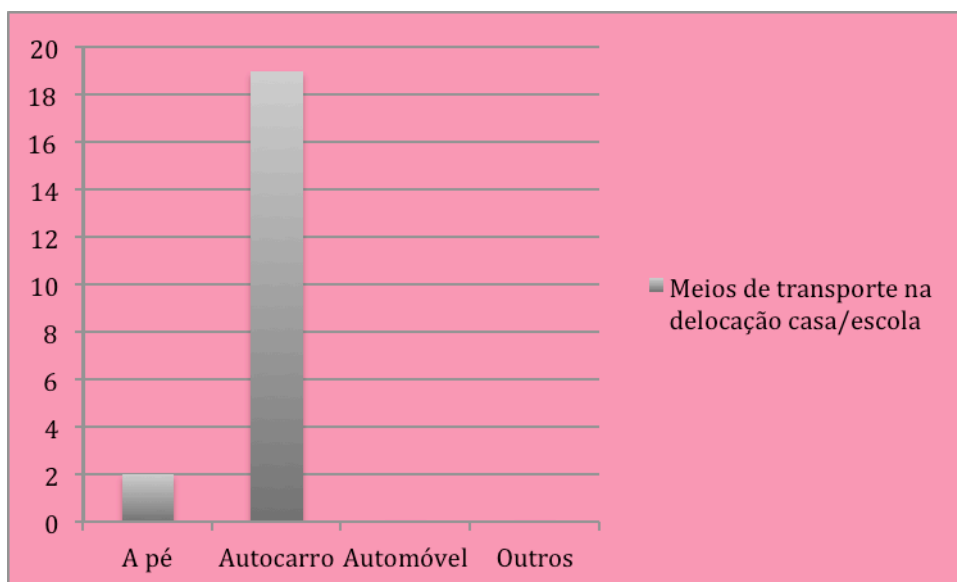


Gráfico 4 – Meios de transporte na deslocação casa escola.

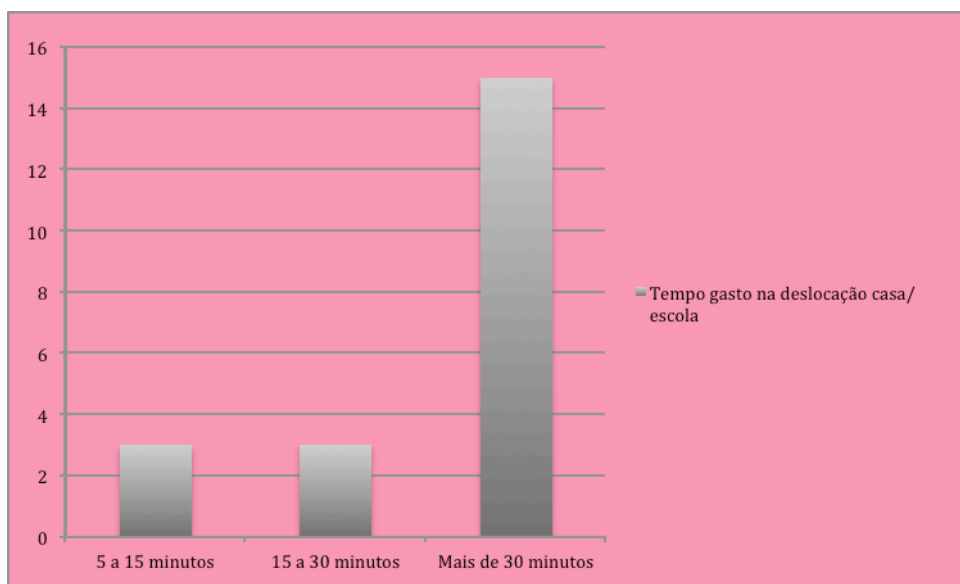


Gráfico 5 – Tempo gasto na deslocação casa escola.

6) Hábitos / Métodos de Estudo e Trabalho:

	Sim (Nº de alunos)	Não (Nº de alunos)
O espaço onde estudam tem boas condições	21	0
Estudam todos os dias a matéria abordada nas aulas	1	20
Distraem-se facilmente enquanto estudam	15	6
Têm ajuda de alguém no estudo	14	7

Têm materiais em casa que os ajudam a estudar	20	1
Quando têm dificuldades, costumam procurar ajuda	17	4
Preparam-se para os testes com antecedência	5	16
Fazem as tarefas propostas, na sala de aula	21	0
Compreendem facilmente a matéria	18	3
Gostam de trabalhar em grupo	8	13

7) Diálogo sobre a Escola:

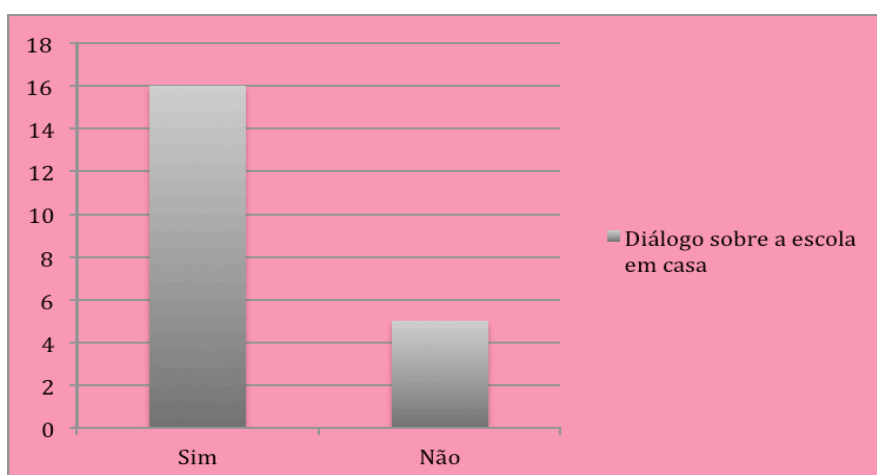


Gráfico 6 – Diálogo sobre a escola em casa com os pais.

Na turma, maioritariamente dos alunos conversam sobre a escola com os pais, em casa.

8) Preferências no espaço “Escola”

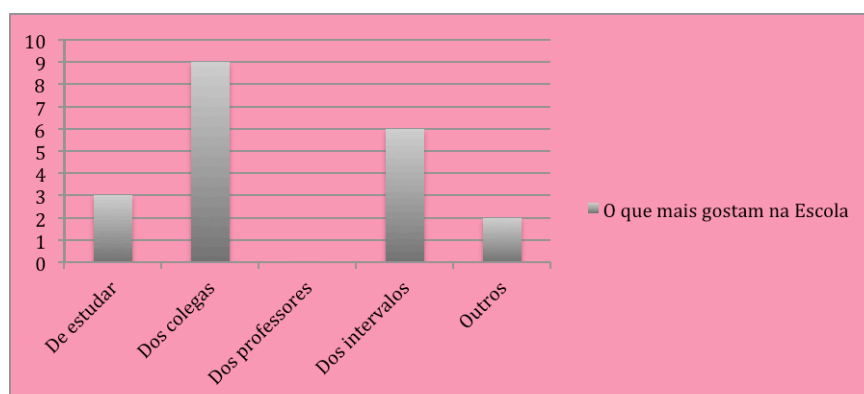


Gráfico 7 – O que os alunos mais gostam na Escola.

9) Ocupação dos tempos livres:

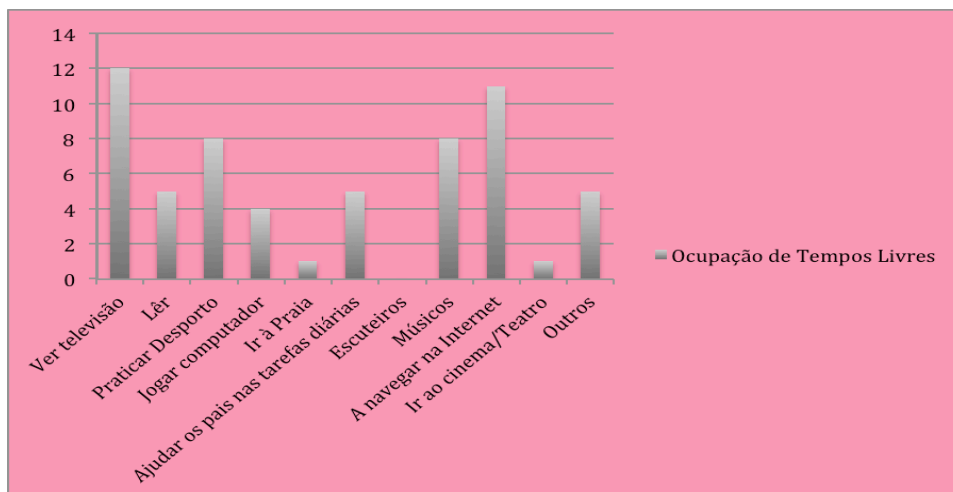


Gráfico 8 – Ocupação dos tempos livres.

10) Profissões mais pretendidas: Designer Gráfico, Fotógrafo e Ilustrador.

11) Problemas de saúde: BB: Dislexia; FB: Sinusite e Problemas de Visão; AT: Problema de Estômago; Escoliose Dupla; TS; FL: Asma; SR: Alergia ao chocolate; CS: Problema na Rótula do Joelho e Sinusite; TR: Bronquite e Renite Alérgica.

*(Tendo em conta que é extremamente importante proteger os dados dos alunos, não menciono o nome de cada um deles).

11) Caraterísticas de alguns alunos a destacar:

Alunos	Nº	Caraterísticas relevantes
Aluno 1	1858	Falta muito, pouco interessado. Não se esforça. Desinteressado.
Aluno 2	1869	Falta imenso, desinteressado e muito conversador.
Aluno 3	1868	Bastante interessada e empenhada nas tarefas e propostas. Boas capacidades.
Aluno 4	1866	Falta imenso, pouco interessado. Educado.

Aluno 5	1865	Muito distraído e desinteressado. Conversa muito. Revela muitas dificuldades.
Aluno 6	1872	Revela muitas dificuldades. Muito distraído e conversador. Distraí os colegas e esforça-se pouco.

12) Situações / Problemas a Destacar: Turma muito distraída, pouco interessada, maioria dos alunos revelam sentir algumas dificuldades no que respeita ao desenho de representação. Alunos que faltam muito e bastante desinteressados nas matérias, muito autónomos nas tarefas.

Perfil dos Pais / Agregado Familiar:

1) **Nível Etário Médio:** Pai: entre os 40 e os 55 anos / Mãe: entre os 40 e os 55 anos.

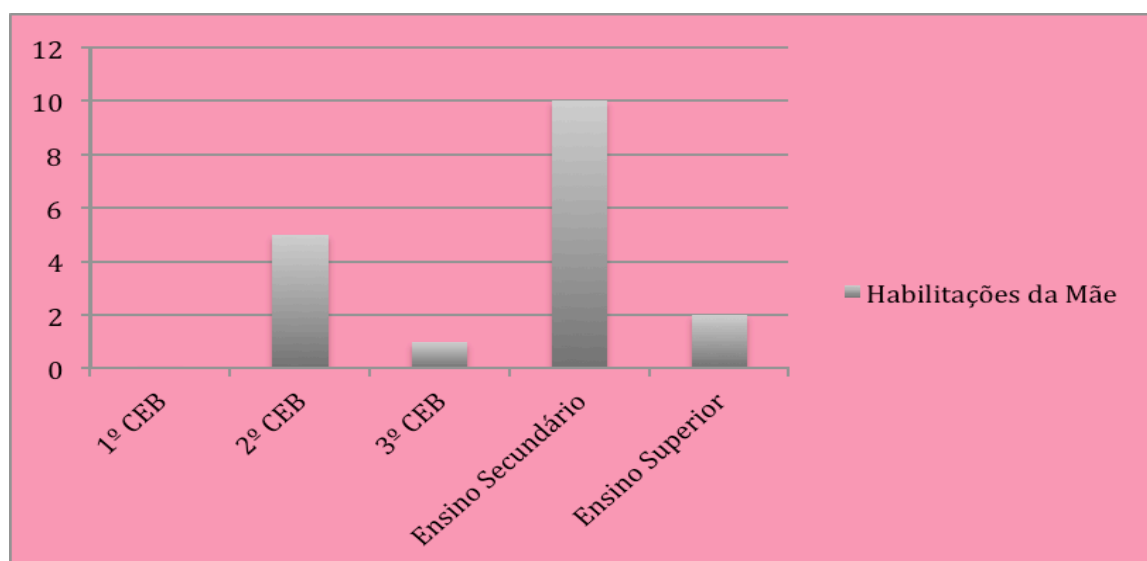


Gráfico 9 – Habilitações Mãe

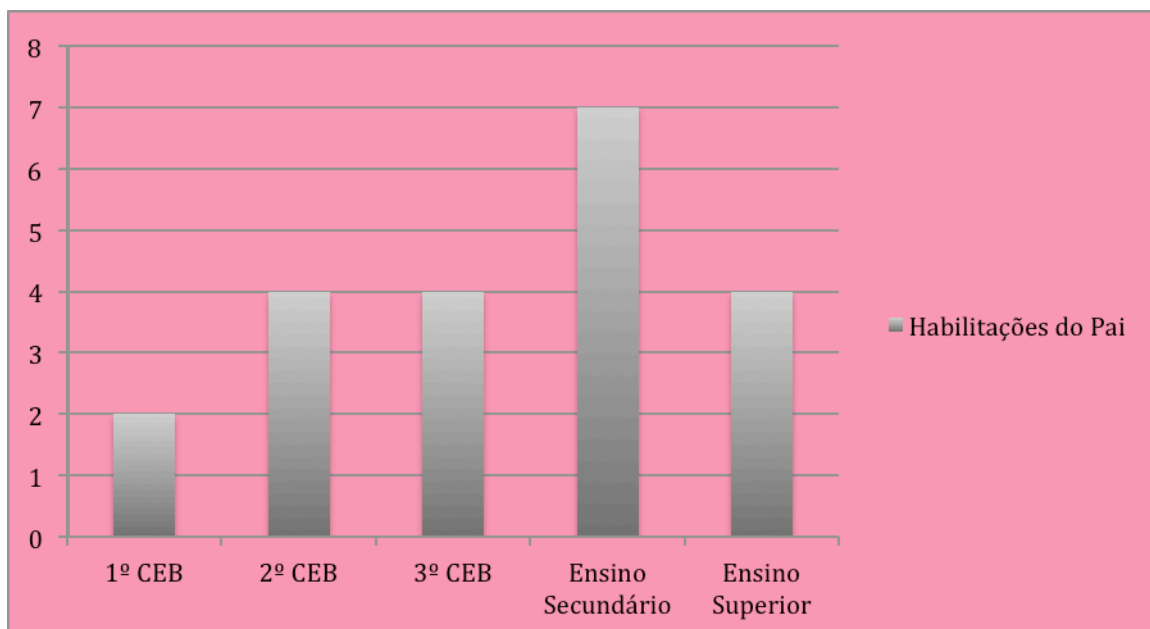


Gráfico 10 – Habilitações Pai.

2) Número de elementos do agregado familiar:

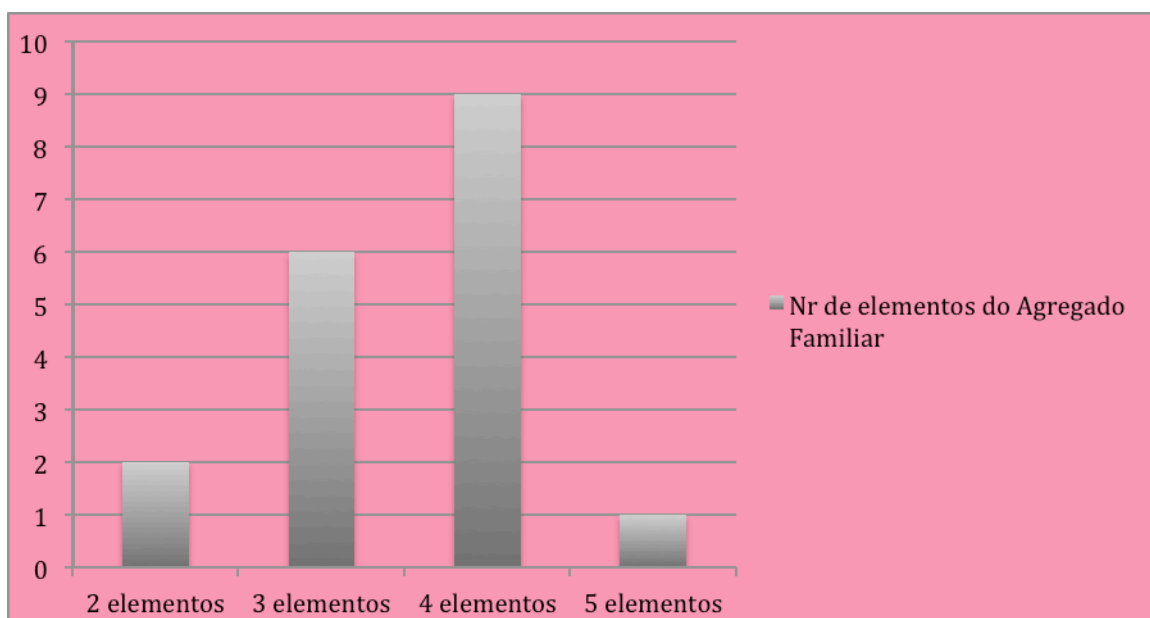


Gráfico 11 – Número de elementos do Agregado Familiar.

Os alunos da turma integram famílias consideradas estruturadas, embora a existência de uma família monoparental.

15) DIFICULDADES DIAGNOSTICADAS

Dificuldades Gerais

<input type="checkbox"/> Interesse pelo estudo <input type="checkbox"/> Atenção/concentração <input type="checkbox"/> Participação na aula	<input type="checkbox"/> Raciocínio lógico e/ou abstracto <input type="checkbox"/> Análise/Síntese/Avaliação de situações
<input type="checkbox"/> Hábitos de trabalho <input type="checkbox"/> Métodos de trabalho <input type="checkbox"/> Organização <input type="checkbox"/> Trabalhos de casa <input type="checkbox"/> Ausência de material escolar <input checked="" type="checkbox"/> Assiduidade e/ou pontualidade	<input type="checkbox"/> Iniciativa <input type="checkbox"/> Criatividade <input type="checkbox"/> Espírito de observação <input checked="" type="checkbox"/> Espírito crítico <input type="checkbox"/> Curiosidade científica
<input type="checkbox"/> Expressão escrita <input type="checkbox"/> Expressão oral <input type="checkbox"/> Leitura <input type="checkbox"/> Domínio de vocabulário fundamental <input type="checkbox"/> Domínio de regras gramaticais	<input checked="" type="checkbox"/> Relacionamento com os colegas e/ou adultos <input type="checkbox"/> Respeito pelos outros <input type="checkbox"/> Consciência cívica e moral <input type="checkbox"/> Falta de confiança em si próprio <input checked="" type="checkbox"/> Autonomia <input checked="" type="checkbox"/> Carências afectivas/materiais
<input type="checkbox"/> Ausência de pré-requisito Aquisição e relação de conhecimentos <input type="checkbox"/> Compreensão/interpretação de ideias <input type="checkbox"/> Aplicação de conhecimentos	<input type="checkbox"/> Domínio da(s) técnica(s) <input type="checkbox"/> Desenvolvimento físico e motor <input type="checkbox"/> Interesses divergentes dos escolares <input type="checkbox"/> Falta de aspirações sociais, culturais e/ou profissionais

Caraterização:

A turma do 2º ano do Curso Profissional de Design Gráfico é constituída por um grupo de alunos homogéneos, no entanto verifica-se nalguns casos carências, tais como atenção, empenho e motivação. Todavia, não se verifica discrepância ao nível de problemas na área educacional. Algumas das prioridades que são relevantes referenciar são:

- Estabelecer regras para promover o processo de socialização dos alunos e desenvolver o espírito comunitário;
- Promover o trabalho cooperativo e o espírito de interajuda, através do diálogo;
- Desenvolver a capacidade de raciocínio;
- Desenvolver a capacidade de resolução de problemas;
- Fomentar a expressividade e a criatividade.

Caraterização sócio-afetiva e de desenvolvimento pessoal:

Não existem casos de conflito dentro da sala de aula; os que existem fora da sala são próprios desta fase de desenvolvimento e sem gravidade.

Motivações e interesses: as motivações e interesses dos alunos são sobretudo na área do Design Gráfico e da Ilustração.

ANEXO 3

Proposta metodológica com o ilustrador Hugo Teixeira.

Objetivos:

- Consciencializar os alunos do valor pedagógico da banda desenhada, através da visualização do trabalho do ilustrador;
- Desenvolver e compreender aspetos fundamentais das técnicas teóricas e práticas de ilustração e banda desenhada, apresentadas nesta aula aberta;
- Compreender as etapas técnicas do processamento das matérias apresentadas;
- Capacitar o aluno para a investigação e para a percepção das relações fundadoras da imagem ilustrativa e a sua relação com a sociedade, nomeadamente com o trabalho exposto pelo ilustrador;
- Desenvolver a capacidade criativa no domínio da representação gráfica;
- Dominar as ferramentas e técnicas e a sua aplicabilidade, de forma expressiva e imaginativa (onde serão referidas várias metodologias de trabalho);
- Compreender as possibilidades expressivas do desenho e a sua dimensão poética e estética, apresentadas pelo ilustrador.

Esta aula aberta, teve como principal objetivo fornecer conhecimentos e técnicas aos alunos, acerca da banda desenhada. Consideramos que foi um contributo muito positivo para o esclarecimento de aspetos e elementos focalizados neste trabalho. Esta atividade contribuiu para a superação do problema inicial (falta de interesse dos alunos pelo desenho). Reproduzimos duas frases pronunciadas por alunas. Esta aula aberta, foi bastante útil para nós, pois tivemos contato com técnicas que desconhecíamos e importante para desenvolvermos posteriores trabalhos práticos”.

“Foi uma aula interessante pois aprendemos a desenvolver métodos e processos de trabalho distintos aos que até então estávamos habituados a realizar e ainda tomamos conhecimento de diversas formas de praticar o desenho”.

ANEXO 4

Proposta metodológica com a artista plástica e professora Sandra Palhares.

Objetivos:

Tendo em conta que este módulo aborda a questão da composição, pretende-se que a Professora e Artista Plástica Sandra Palhares demonstre alguns dos seus trabalhos enquanto artista e explique como chegou até aos mesmos, quais as finalidades, intenções, mensagem a transmitir, de que forma costuma realizar as suas obras, com que materiais, com que finalidade. Isto para que os alunos entendam o seu método e de certa forma fiquem enriquecidos sobre todo o processo que os artistas e criativos passam até chegar ao resultado final.

É importante que os alunos observem e tenham contato com este tipo de artistas, pois é muito interessante perceber como tudo isto funciona.

Esta aula aberta é uma estratégia usada com a finalidade de fornecer ferramentas e diferentes processos de aprendizagem aos alunos do curso de Design Gráfico e também a todos os interessados em desenvolver as suas competências na área.

O objetivo é que os alunos entendam os diferentes tipos de imagens que existem, que mobilizem conhecimentos relativos à imagem, que entendam e contextualizam a importância da imagem na comunicação visual e gráfica e que distingam os diferentes tipos de imagem de acordo com os objetivos propostos.

Comentário:

Esta aula obteve resultados bastante positivos. A matéria abordada e apresentada pela artista plástica veio enriquecer os alunos, não somente na parte teórica como também e principalmente na parte prática. Ficaram elucidados de como se podem utilizar diferentes metodologias de trabalho, assim como aprenderam novas e diferentes ferramentas e processos de aprendizagem. Citamos o testemunho de uma aluna que diz ter evoluído muito depois desta aula:

“Foi muito importante para mim poder ter contactado com um profissional, ver os seus trabalhos e ouvir a sua explicação dos mesmos, para aprender a valorizar todo este processo de trabalho e adquirir novas ferramentas. Ajudou-me imenso no projeto que tivemos posteriormente que desenvolver para a disciplina de Desenho e Comunicação Visual”.

ANEXO 5

Visita de estudo à exposição “5 séculos de Desenho”

Objetivos e Finalidades da Visita:

- Dar a conhecer aos alunos diferentes meios de expressão do desenho;
- Tomar conhecimento de diversas técnicas e materiais;
- Consciencializar os alunos do processo de produção do desenho;
- Contribuir para o desenvolvimento social e cultural dos alunos;
- Fomentar a cultura visual em relação ao desenho e estimular a criatividade.

Esta exposição, denominada “5 Séculos de Desenho na Coleção da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto” está dividida em 3 núcleos: - Desenhos italianos – Séc. XVI e XVII - Desenhos de Academia – Séc. XVIII e XIX - Desenhos Contemporâneos – Séc. XX e XXI.

A nossa visita será apenas ao último núcleo - Desenhos Contemporâneos, que está patente no Museu Nacional Soares dos Reis e que resulta da reunião de mais de 150 obras doadas por artistas e famílias dos mesmos, modernos e contemporâneos (séculos XX e XXI), formados na Escola de Belas Artes do Porto.

Integram este espólio nomes como Júlio Resende, Fernando Lanhas, Siza Vieira, António Quadros Ferreira, Alcino Soutinho, Francisco Laranjo, Nadir Afonso, Jorge Pinheiro, Clara Menéres, entre muitos outros.

Comentário:

Esta atividade foi programada com o objetivo principal de integrar um conjunto de metodologias e vivências que promovam o desenvolvimento cognitivo, sensorial, motor e afetivo dos alunos.

Os resultados obtidos com esta visita de estudo, foram positivos, pois os alunos tomaram conhecimentos e contato com diversos meios de expressão do desenho e de diferentes técnicas, o que lhes permite alargarem os seus horizontes no que refere à prática do desenho. Tomaram consciência da importância do processo de produção do desenho e dos contributos que o exercício deste fornece para o seu desenvolvimento social e cultural.

Estimularam a criatividade ao observar trabalhos realizados por diferentes autores e portanto podemos concluir de que esta atividade foi bem programada e integrou um conjunto de metodologias e vivências que promoveram o desenvolvimento cognitivo, sensorial, motor e afetivo dos alunos.

Vejamos o que concluíram as seguintes alunas, acerca desta atividade: “Gostei muito desta visita de estudo, pois aprendi a valorizar mais o desenho.

Apercebi-me de que o desenho é uma ferramenta muito útil para usar na realização de muitos trabalhos de design gráfico”. “Esta visita foi das mais interessantes que tive, pois não só me forneceu ferramentas que desconhecia, como me fez pensar acerca da importância que devemos dar ao desenho”.

ANEXO 6

Proposta metodológica da criação de uma banda desenhada.

1. Projeto Artístico – Criação de uma banda desenhada

Sendo a banda desenhada um fenómeno bastante atual, não deve ser ignorado, nem tão pouco rejeitado. Pelo contrário, pode e deve ser usada de forma muito vantajosa pelo professor, na medida em que é uma excelente forma de comunicação e que vai ao encontro do gosto dos jovens, que alia o fascínio da imagem à força da palavra. Para além disso, o conhecimento da gramática da Banda Desenhada é um fator importante para a compreensão de outros meios de comunicação, cujo suporte é a imagem, tais como o cinema, a televisão, a publicidade, que são fatores bastante relevantes, hoje em dia na escola.

2. Desenvolvimento do Projeto:

Cada aluno, deverá desenvolver o seu projeto artístico, que será composto pela criação de uma prancha A1 de Banda Desenhada, sob a temática: “O meu percurso escolar”. Este trabalho ocorrerá durante as aulas de Desenho e Comunicação Visual. Durante este módulo, serão entregues vários exercícios que contribuirão para o desenvolvimento deste projeto, em que serão abordados conteúdos diferentes.

3. Conteúdos do Projeto:

1. **Conceito BD:**
 - 1.1 **Gramática da BD:** Prancha, tira, vinheta, planos e enquadramentos, texto, legenda, cartucho, balões, onomatopeias, signos cinéticos;
2. **O Desenho na Banda Desenhada;**
3. **Narrativa Visual.**

4. Objetivos a desenvolver:

- Consciencializar os alunos do valor pedagógico da banda desenhada;
- Introduzir metodologias ativas que estimulem a aprendizagem;
- Criar documentação visual tendo em conta a força apelativa, lúdica e expressiva das imagens;
- Desenvolver capacidades no sentido de analisar, segundo critérios fundamentados, uma obra de B.D;
- Desenvolver e compreender aspectos fundamentais das técnicas teóricas e práticas de ilustração e banda desenhada;

- Reconhecer os seus aspectos estéticos e históricos;
- Compreender e experimentar as etapas técnicas do processamento das matérias apresentadas;
- Propiciar o sentido expressivo com o meio da disciplina;
- Capacitar o aluno para a investigação e para a percepção das relações fundadoras da imagem ilustrativa e a sua relação com a sociedade.
- Desenvolver a capacidade criativa no domínio da representação gráfica;
- Dominar as ferramentas e técnicas e a sua aplicabilidade, de forma expressiva e imaginativa;
- Compreender as possibilidades expressivas do desenho e a sua dimensão poética e estética;
- Explorar as capacidades expressivas do desenho, através da utilização e manipulação dos elementos estruturais da representação e da comunicação.

5. Competências a atingir:

- 1.Descrever acontecimentos, aplicando metodologias da Banda Desenhada;
- 2.Ler, interpretar e construir narrativas visuais;
- 3.Conhecer organizações espaciais, dominando as regras elementares da composição.
- 4.Entender o desenho como um meio para a representação expressiva de formas.
- 5.Criar composições a partir de observações direta e de realidades imaginadas, utilizando os elementos e os meios da expressão visual.

6. Metodologias:

Com este projeto pretende-se produzir e analisar materiais que integrem curricularmente a literatura, a expressão plástica e a escrita, como também documentos portadores de estratégias pedagógicas. Estes materiais serão implementados e aplicados durante todas as aulas, com os alunos. Os resultados finais serão alvo de reflexão nas aulas presenciais e expostos na semana de Comemoração do Aniversário da Escola Artística e Profissional Árvore. A prática pedagógica dos alunos será a mais visada. A apresentação e partilha dos trabalhos autónomos permitirão potencializar e otimizar novas e úteis perspectivas da aprendizagem. As aulas iniciais abordarão questões teóricas sobre a B.D., seguindo-se metodologias visando a prática da B.D.

7.Estratégias:

- Apresentação multimédia sobre o projeto e respetiva temática;
- Diálogo e reflexão com os alunos relativamente à apresentação projetada;
- Visita guiada à Exposição "5 Séculos de Desenho na Coleção da Faculdade de Belas Artes";
- Aula Aberta de B.D. com o artista plástico e ilustrador Hugo Teixeira.

8. Memória Descritiva: Texto organizativo e expositivo que caracteriza o projeto, onde devem constar:

- Título do projeto
- Objetivos e finalidades do projeto;
- Recursos e técnicas utilizados;
- Referências em termos de artistas;
- Justificação das escolhas feitas ao nível de materiais, meios, espaços, entre outros.

9. Bibliografia:

- Banda Desenhada Portuguesa. (2000). Anos 40- Anos 80. Lisboa.
- Catálogo de autores de Banda Desenhada Portuguesa. (2003). Câmara Municipal da Amadora. 1º Edição.
- EDGEELL, Steve; Brooks, Braf; PILCHER, Tim. Curso Completo de Banda Desenhada. Princípios, práticas e técnicas: guia fundamental para banda desenhada.
- Ilustração Portuguesa. (2001). Câmara Municipal de Lisboa.
- MARTIM, Marcel. (2005). *A linguagem cinematográfica*. Dinalivro.
- Revista Trimestral de Banda Desenhada – número 1. BANZAI. Como Desenhar Manga.
- SÁ, de Leonardo; António Dias de Deus. (2001). José Ruy – *Riscos do Natural NonArte*. Âncora Editora. 1ª Edição.
- Vários. Curso Completo de Banda Desenhada – Princípios, práticas e técnicas: guia fundamental para banda desenhada. (2002). Dinalivro.

10. Avaliação da banda desenhada:

A avaliação deste projeto consistirá também na entrega de um dossier, de uma memória descritiva e do caderno gráfico com diferentes registos. A realização deste trabalho de B.D., juntamente com a entrega dos diferentes trabalhos acima mencionados, resultará a classificação de 20 valores. Os alunos terão de ter em conta os seguintes aspetos:

10.1. O dossier (formato A3) deve incluir:

- todas as **propostas de trabalho e material de apoio** fornecidos pelas docentes;
- todos os **desenhos** elaborados durante as aulas identificados (nome, nº aluno, data) e organizados cronologicamente.

O dossier tem como objetivos:

- Contribuir para um maior empenho e envolvimento, por parte do aluno, e uma melhor

- apresentação dos exercícios realizados durante as aulas,
- Ser um instrumento para o professor que permita identificar, atempadamente, as dificuldades sentidas pelos alunos de modo a poder acompanhar melhor o seu trabalho.

10.2. Memória Descritiva

Todos os projetos devem de conter uma memória descritiva. Assim, juntamente com o Dossier entregue no final do módulo e respetivo trabalho final: Prancha A1 de Banda Desenhada, devem anexar a memória descritiva.

Memória Descritiva: - Texto organizativo e expositivo que caracteriza o projeto, onde devem constar:

- **Título** do projeto;
- **Objetivos e finalidades** do projeto;
- **Recursos e técnicas** utilizados;
- **Referências** em termos de **artistas**;
- **Justificação** das escolhas feitas ao nível de **materiais, meios, espaços**, entre outros.

10.3. Diário Gráfico - “Nunca encontrei ninguém completamente incapaz de aprender a desenhar”- John Ruskin.

O Diário Gráfico (formato A5) deve incluir:

- Todos os **esboços** elaborados, fora do contexto de aula, de forma sequencial, todos datados.
- O **caderno** terá que ser identificado na primeira página.
- Este caderno será um **complemento** ao projeto desenvolvido durante as aulas.

O Diário Gráfico tem como objetivos:

- O registo de pormenores e de ideias;
- Destreza manual e rapidez na execução;
- Trabalhar composições;
- Simplificação dos elementos visuais;
- Compreender a importância de observar, de registar e de refletir de modo sistemático sobre o que nos rodeia;
- Criar hábitos de registo metódico;
- Desenvolver a qualidade de registos de observação;
- Despoletar a criatividade;

- Compreender a importância do uso do Diário Gráfico, inserido em estratégias de ensino/aprendizagem.

NOTA:

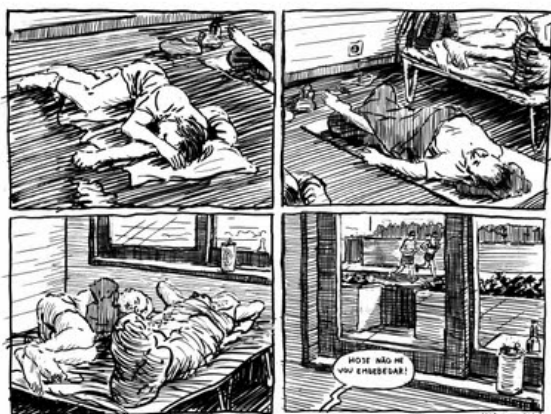
- O aluno deverá concentrar-se quando realiza os desenhos, evitar conversar, sem se distrair.
- O Diário Gráfico é útil para tirar apontamentos, anotar de uma forma rápida ideias, que poderão ser usadas no futuro para desenvolver trabalhos mais complexos.
- O ideal é dedicar 20 minutos por dia, para a realização dos mesmos.
- Serão dadas indicações de como realizar esses registos durante as aulas.

11. Propostas de trabalho para a proposta da banda desenhada:

Apresentamos de seguida, várias propostas de trabalhos apresentadas por nós aos alunos, de forma a fornecer-lhes conhecimentos, técnicas, materiais e ferramentas úteis para que este projeto seja bem sucedido e como estratégia para os motivar e incentivar à prática do desenho.

Proposta nº1:

Luz e Sombra na Banda Desenhada – Técnicas de Sombreado e Modelação: Ponto, linha e mancha.



O uso de iluminação nos desenhos de Banda Desenhada é sempre muito eficaz quando a intenção é essencialmente desenvolver uma determinada tensão ou criar um ambiente específico. Muitos artistas utilizam a sombra e a luz para intensificar a experiência da leitura e dependendo do uso que atribuem pode evocar diferentes reações ao leitor.

Através do uso da linha e do ponto (métodos importantes para produzir tons nos desenhos) é possível produzir manchas, que auxiliam a preencher o espaço. O sombreado utilizando uma linha simples, recta e uniforme é considerado mais básico, mais simples de executar. É o registo de traços paralelos apenas numa direcção e é útil para demonstrar apenas uma tonalidade. O sombreado utilizando uma linha direccional é o registo de diferentes traços, definidos e paralelos. O sombreado usando uma linha de rede simples é um conjunto de traços perpendiculares e sobrepostos uns aos outros, é expressivo no que refere à modelação do tom e o sombreado com linha em rede direccional é constituído por várias camadas de sombra, em diferentes direcções. É útil para representar tonalidades aproximadas da cor preta. No que diz respeito ao sombreado com o uso do ponto, existem dois tipos: o sombreado usando o ponto solto e o sombreado utilizando o ponto apertado.

- O sombreado com ponto solto: é a forma mais livre de aproximar a tonalidade, é composto por pontos com tamanhos irregulares, requer um cuidado mais exaustivo, para evitar efeitos indesejados.
- O sombreado com ponto apertado: é comparada à técnica denominada “pontilhismo”, movimento que surgiu no século XIX, pelo artista francês Georges Seurat, sendo que os pontos são variados, de forma a criar diferentes variações de tons.



O sombreado com mancha contribui essencialmente para acrescentar sensações, dar vida ao desenho, é uma técnica bastante expressiva.

Exercício Prático: Selecionar uma das vinhetas registadas na fase da estruturação do projeto e produzir um novo registo, através do uso da linha, do ponto ou da mancha.

Tempo de execução: 1 aula de 120 minutos.

Material: Lápis de Grafite, Caneta Preta, Folhas de papel A4, Borracha, Afia, Tinta da China, Pano e Pincéis.

Objetivos específicos:

- Criar documentação visual tendo em conta a força apelativa, lúdica e expressiva das imagens;
- Desenvolver e compreender aspectos fundamentais das técnicas teóricas e práticas de ilustração e banda desenhada;
- Compreender e experimentar as etapas técnicas do processamento das matérias apresentadas;
- Desenvolver a capacidade criativa no domínio da representação gráfica
- Dominar as ferramentas e técnicas e a sua aplicabilidade, de forma expressiva e imaginativa;
- Explorar as capacidades expressivas do desenho, através da utilização e manipulação dos elementos estruturais da representação e da comunicação.

Bibliografia:

-Vários. Curso Completo de Banda Desenhada – Princípios, práticas e técnicas: guia fundamental para banda desenhada. (2002). Dinalivro.

-Banda Desenhada Portuguesa. (2000). Anos 40- Anos 80. Lisboa.

Proposta nº2:

O Movimento na Banda Desenhada.



Fig. 1

A verdadeira arte de um desenhador de Banda Desenhada consiste em ser capaz de fazer com que uma imagem estática pareça estar em movimento, “a mexer-se”. Muitos artistas, desde Marcel Duchamp e os futuristas, até aos desenhadores dos nossos dias, consideram isto um autêntico desafio. Ao longo dos anos, a ilusão do movimento tem sido muito explorada pelos autores que trabalham com a Banda Desenhada. Na BD, o movimento tem sido tipicamente evocado pelo uso de um sistema denominado de “linha do movimento”. Esse elemento é considerado essencial na Banda Desenhada pois consiste em linhas que são desenhadas à volta de objetos em movimento, provocando assim um efeito de ação. Esta estilização tem crescido bastante, à medida que a Banda Desenhada tem vindo a amadurecer. No Japão, por exemplo, a linha de movimento adquiriu recentemente o estatuto aparente de vida própria.



Fig.2

Na BD japonesa ou manga, vemos talvez o uso da linha mais extrema da linha do movimento. Esta vinheta, pertence a Akira Otomo e o objetivo da autora foi usar linhas de movimento que constituem o fundo e que o tornam o centro da atenção do leitor.



Fig. 3

Nesta vinheta, de Vaugh Shoemaker, podemos ver o excelente uso das linhas de movimento para representar a ação. As linhas seguem o trajeto do chicote, enquanto ele se move pelo ar. Desta forma, o autor desenhou a velocidade do golpe desferido no pobre que está deitado no chão.

Esta vinheta de Jack Kirby, artista americano de livros de BD há mais de três décadas, mostra a linha de movimento com intensa atividade. As linhas de movimento voam a partir da figura central e mostram a direção tomada pela ação na vinheta. O fundo e os protagonistas estão claramente desenhados com as linhas de movimento que parece que os envolve na história.



Fig. 4

Nesta vinheta da clássica BD Master Race, desenhada por Bernard Krigstein, vemos outro método de mostrar movimento. Os passageiros no metro, estão em movimento e são mostrados através de imagens múltiplas, enquanto a personagem no primeiro plano surge estática e aparece numa única imagem.



Usar sombras por debaixo de um objeto em movimento pode resultar muito bem, como podemos visualizar nesta vinheta de tiras de jornal, tirada da BD do Calvin & Hobbes, do autor Bill Watterson. O carro da família de Calvin está claramente em andamento e contudo não há linhas de movimento. A sombra debaixo das rodas explica tudo.

Fig.5

Exercício Prático: A partir de uma vinheta já realizada, fazer um novo registo, criando a ilusão do movimento.

Tempo de execução: 1 aula de 120 minutos.

Material: Lápis de Grafite, Caneta Preta, Folhas de papel A4, Borracha, Afia, Tinta da China, Pano e Pincéis.

Objetivos:

- Criar documentação visual tendo em conta a força apelativa, lúdica e expressiva das imagens;
- Desenvolver e compreender aspectos fundamentais das técnicas teóricas e práticas de ilustração e banda desenhada;
- Compreender e experimentar as etapas técnicas do processamento das matérias apresentadas;

- Desenvolver a capacidade criativa no domínio da representação gráfica;
- Dominar as ferramentas e técnicas e a sua aplicabilidade, de forma expressiva e imaginativa.

Recursos consultados:

- Banda Desenhada Portuguesa. (2000). Anos 40- Anos 80. Lisboa.
- Catálogo de autores de Banda Desenhada Portuguesa. (2003). Câmara Municipal da Amadora. 1º Edição.
- EDGELL, Steve; Brooks, Braf; PILCHER, Tim. Curso Completo de Banda Desenhada. Princípios, práticas e técnicas: guia fundamental para banda desenhada.
- MARTIM, Marcel. (2005). *A linguagem cinematográfica*. Dinalivro.
- Revista Trimestral de Banda Desenhada – número 1. BANZAI. Como Desenhar Manga.
- ROIG, Gabriel Martin. (2005). Iniciação ao Desenho e à Pintura – cor e criatividade. Tradução: Teresa Rebelo da Silva. Lisboa. Editorial Presença.
- Vários. Curso Completo de Banda Desenhada – Princípios, práticas e técnicas: guia fundamental para banda desenhada. (2002). Dinalivro.

Proposta nº3:

Princípios de Cor e Tom na Banda Desenhada.



A cor é um dos elementos mais expressivos, pessoais e visuais no mundo das artes, muito importante na Banda Desenhada, pois contribui para indicar determinados estados de espírito ou sentimentos. O uso adequado da cor proporciona um carácter ou ambiente único a qualquer temática. Aprender a valorizar as cores e a interatuar com elas deve ser o primeiro passo para conseguirmos

obter um resultado interessante. Ao trabalharmos a cor, devemos explorar as suas características e observar com atenção como se modificam mutuamente, como descrevem as formas e infundem expressividade a um trabalho. Pode sugerir as horas do dia, diferentes cenários e ainda reforçar a imagem do fogo ou realçar aspectos de uma imagem ou de um objeto em particular. De um modo geral, as cores podem dividir-se em três áreas distintas: cores quentes, frias e neutras; que contribuem de forma considerável na composição de um trabalho, como por exemplo na criação de uma Banda Desenhada.

A cor vermelha, laranja e amarela pertence à gama das cores quentes, que ajudam a exprimir

emoções como a raiva ou até mesmo a vergonha e podem criar a sensação ou transmitir calor numa imagem. As cores neutras como o branco e o preto funcionam juntamente com as cores quentes e frias, nomeadamente quando usadas na construção de uma Banda Desenhada, pois salientam aspetos específicos que se pretende realçar, como sombras e luminosidade. As cores frias como o verde e o azul, são maioria das vezes usadas para criar sensações negativas como a inveja, a doença ou o medo. Também é possível misturar ou combinar determinadas cores, usando para isso cores que se complementam (são mais indicadas quando se pretende criar ambientes como o de uma floresta negra ou sequências retrospectivas que assinalam passagens do tempo) ou que contrastam entre si (quando combinadas, tendem a ser brilhantes, planas, “berrantes” e fazem com que uma imagem trasponha a página).

Nota: Gama de cores quentes e frias: associamos as cores quentes ao fogo (como por exemplo os vermelhos e os amarelos) e o laranja ao calor. A investigação revela que com uma iluminação vermelha, os nossos corpos segregam mais adrenalina. Em contrapartida, associamos azuis e verdes às qualidades refrescantes da água e das árvores, as investigações demonstram que reduzem a velocidade das batidas do coração e relaxam os músculos. Por esse motivo, denominam-se cores quentes as matizes na zona vermelha e amarela, da roda cromática, enquanto que os da gama azul e verde consideram-se cores frias.



Tipos de Papel:

Há vários tipos de papel que podem ser usados dependendo do tipo de trabalho que se pretende realizar. É importante experimentar diversas variedades de papéis, para poder constatar quais as suas deficiências e o que pode exatamente fazer com eles. A qualidade do papel é extremamente importante e varia dependendo do fabricante e da marca. O papel mede-se em duas dimensões distintas: o tamanho e a gramagem. O tamanho do papel é medido em unidades “imperial” (por exemplo: Imperial = 559x762 mm), Half imperial = 381x559 mm e Double imperial = 762x1118 mm) principalmente nos Estados Unidos ou por medidas métricas A ou B (Tamanho A, por exemplo: A1 = 594X841 mm, A2 = 420X841 mm). Por outro lado, a gramagem do papel (a medida da sua espessura e se é ou não cartonado) é medida normalmente em libras no que refere ao Estados Unidos e na maior parte da Europa em gramas por metro quadrado. Existem ainda diferentes espessuras e pesos do papel, dependendo da função que se irá atribuir ao papel, é importante verificar o peso do mesmo, pois a espessura pode ou não funcionar mediante o tipo de instrumentos e materiais que se pretende utilizar.

Os tipos de papéis e suportes que os autores de Banda Desenhada normalmente usam são o papel de aguarela (excelente para trabalhos realizados com tinta, pois este papel possui uma superfície mais

áspera, o que ajuda a que a tinta absorva com mais rapidez e eficácia), o suporte Bristol (flexível e normalmente um dos lados é mais suave e o outro mais áspero, ideal para trabalhos que englobem canetas e ou pincel), o papel de arte final (papel fino, normalmente usado por artistas que trabalham com publicidade, pois é ideal para composições de páginas, prontas a serem transferidas para o suporte final do trabalho) o papel vegetal (pois é fino e translúcido, usado principalmente para preparar composições e corrigir erros no trabalho inicial), o papel velino (papel com uma superfície áspera, disponível numa variedade de gramagens e excelente para trabalho que englobe linhas e cor), o papel esquisso (papel mais leve, ideal para realizar esboços e/esquissos) e o papel bond ou de cópia (papel que se adequa mais para desenhos de rascunho).

Exercício Prático:

Selecionar uma das vinhetas registadas na fase da estruturação do projeto e produzir um novo registo, através do uso da cor (utilizando os elementos plásticos estudados na aula anterior: ponto, linha e mancha na composição).

Tempo de execução: 2 aulas de 120 minutos.

Material: Aquarelas, Canetas, Folhas de papel A4, Tinta da china, Pano, Pincéis, Afia, Pastel seco e Lápis de cor.

Objetivos específicos:

- Desenvolver e compreender aspectos fundamentais das técnicas teóricas e práticas de ilustração e Banda Desenhada;
- Compreender e experimentar as etapas técnicas do processamento das matérias apresentadas;
- Desenvolver a capacidade criativa no domínio da representação gráfica;
- Dominar as ferramentas e técnicas e a sua aplicabilidade, de forma expressiva e imaginativa;
- Explorar as capacidades expressivas do desenho, através da utilização e manipulação dos elementos estruturais da representação e da comunicação;
- Experimentar diferentes materiais, suportes e instrumentos;

Recursos consultados:

- Banda Desenhada Portuguesa. (2000). Anos 40- Anos 80. Lisboa.
- Catálogo de autores de Banda Desenhada Portuguesa. (2003). Câmara Municipal da Amadora. 1º Edição.
- EDGEELL, Steve; Brooks, Braf; PILCHER, Tim. Curso Completo de Banda Desenhada. Princípios, práticas e técnicas: guia fundamental para banda desenhada.
- MARTIM, Marcel. (2005). *A linguagem cinematográfica*. Dinalivro.
- Revista Trimestral de Banda Desenhada – número 1. BANZAI. Como Desenhar Manga.
- ROIG, Gabriel Martin. (2005). Iniciação ao Desenho e à Pintura – cor e criatividade. Lisboa. Editorial Presença.
- Vários. Curso Completo de Banda Desenhada – Princípios, práticas e técnicas: guia fundamental para banda desenhada. (2002). Dinalivro.

12. Resultados obtidos:

No que refere aos resultados obtidos pelos alunos, durante esta prática pedagógica, evidenciamos a originalidade dos trabalhos finais, bem como a crescente adesão ao desenho e às práticas de observação como algo de útil, proveitoso e até como motivo de fruição, tal como se comprova no testemunho destas duas alunas: “Por detrás de uma obra de arte, está sempre uma história. Este processo de ensino aprendizagem utilizado pela professora estagiária, levou-me a entender a importância que tem a prática do desenho para o meu futuro profissional. A professora consegui motivar e mudar a minha forma de pensar e de ver o desenho”. A professora motivou-me com a proposta deste projeto. Aleou a prática à teoria e manteve-se sempre preocupada com o nosso desenvolvimento e contribuiu muito para que tenhamos prazer ao desenhar”.